

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RENATA MARQUES

UM BREVE ESTUDO SOBRE O NARCISISMO E IDEAL DE EU

São Paulo

2022

RENATA MARQUES

UM BREVE ESTUDO SOBRE O NARCISISMO E IDEAL DE EU

Monografia de conclusão de
Especialização em Psicologia Clínica:
Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Professora Dra. Carmem
Lucia Valadares de Oliveira

COGEAE – PUC/SP

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida e, principalmente, pela oportunidade de ter me proporcionado chegar até a fase final desta especialização.

Aos meus queridos professores, pois sempre estiveram disponíveis em contribuir com meu aprendizado, crescimento pessoal e profissional, em especial minha professora e orientadora, Dra. Carmem Lucia Valadares de Oliveira, por toda paciência, ajuda e dedicação.

A minha instituição pela oportunidade e recursos que me permitiram concluir mais essa etapa em minha vida.

RESUMO

Este trabalho se coloca a tarefa de investigar, na obra freudiana, o desenvolvimento do conceito de narcisismo, bem como a relação do narcisismo com o que Freud chamaria de Ideal de Eu. Trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica, buscando nas obras de Freud o desenvolvimento do conceito de narcisismo, desde textos pré-psicanalíticos até sua formalização conceitual em 1914. Discute o narcisismo como um conceito que permite Freud articular sua virada metapsicológica, bem como a teoria pulsional final e alguns textos chamados antropológicos e sociais. Nesse ínterim, o trabalho abarca também a revisão das obras pós-formalização do narcisismo em 1914, na tentativa de dar conta de elaborar as questões referentes a narcisismo, ideal de eu e civilização-cultura.

SUMÁRIO

Introdução	p. 5
Capítulo 1 – As Origens do Narcisismo	p. 7
1.1 O mito de Narciso e considerações sobre mito em psicanálise	p. 9
1.2 Primeiras aproximações do conceito de narcisismo em Freud	p. 11
1.3 ‘Três ensaios’: Autoerotismo e a sexualidade infantil	p. 20
1.4 ‘Totem e Tabu’: A onipotência dos pensamentos	p. 24
Capítulo 2 – Metapsicologia e Narcisismo	p. 26
2.1 A formalização conceitual do narcisismo em 1914	p. 27
2.2 Narcisismo e os destinos da pulsão	p. 36
2.3. Narcisismo e melancolia	p. 41
2.4. Narcisismo na 2ª Tópica	p. 44
Capítulo 3 – Narcisismo, Ideal de eu e Civilização-Cultura	p. 47
3.1 O narcisismo das pequenas diferenças	p. 47
3.2 Narcisismo e identificações	p. 52
Considerações Finais	p. 55
Referências Bibliográficas	p. 60

Introdução

Um estudo sobre o conceito de narcisismo na psicanálise freudiana nasce do desejo de diferenciar este termo de suas acepções vulgares. Em psicanálise, narcisismo denota entendimentos e compreensões, e usos, dos mais variados (MIGUELEZ, 2007, p. 9). Apesar da multiplicidade que este conceito carrega é bastante comum que seja empregado com um sentido pejorativo: o narcisista seria alguém desagradável, egoísta, incapaz de dialogar com um outro e de comportamento inadequado para a manutenção das relações sociais.

Quando falamos de narcisismo, em psicanálise, precisamos sempre atentar para o fato de que nos referimos a um momento originário da constituição subjetiva, embora não tenha sido exatamente assim que o termo fora empregado inicialmente na obra freudiana. Até o final do século XIX, narcisismo designava na comunidade médica uma espécie de perversão sexual caracterizada pelo amor a si mesmo, amplamente utilizada para descrever a condição das pessoas homossexuais. Será em uma nota de acréscimo, escrita em 1910, que Freud faria no texto de 1905 '*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*' que o termo oficialmente aparece (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 530-533). No entanto, é somente em 1914 que o termo aparece formalizado como um conceito no texto '*Sobre o Narcisismo: Uma introdução*'. "Fenômeno libidinal, o narcisismo passou então a ocupar um lugar essencial na teoria do desenvolvimento sexual do ser humano" (*idem*, p. 531). Com isso, percebemos que Freud desenvolve, desde os primeiros escritos de 1894 até o texto de 1914, ao longo de quase vinte anos, um conceito que pretende dar conta tanto do fenômeno da sexualidade quanto da constituição do eu¹.

Este trabalho se coloca a tarefa de investigar, na obra freudiana, o desenvolvimento do conceito de narcisismo, bem como a relação do narcisismo com o que Freud chamaria de Eu Ideal e o Ideal de Eu. Assim, as perguntas que movimentam este trabalho são:

¹ Com isso não queremos opor sexualidade *versus* eu, mas, antes, ressaltar que o conceito de narcisismo compreende tanto o desenvolvimento psicosssexual quanto elucida algumas questões relativas à própria virada freudiana na segunda tópica de 1920 e 1923, nos textos *Além do Princípio do Prazer* e também *O Eu e o Isso*, respectivamente. Dito de outra maneira, é o conceito de narcisismo que, em nossa visão, permite Freud elaborar a teoria pulsional (Eros x Tânatos) e a divisão do aparelho psíquico em instâncias reguladoras (Eu, Isso e Supereu).

- 1) Como o conceito de narcisismo surge na obra freudiana e o que Freud quer dar conta ao elaborar tal conceito?
- 2) O que significa a metapsicologia para as considerações sobre o narcisismo? Em especial, como o narcisismo compõe as porções do aparelho psíquico denominadas como Eu Ideal e Ideal de Eu?
- 3) Em que medida os textos finais da obra freudiana, considerados como leituras psicanalíticas da realidade social e cultural, permitem considerações acerca do fenômeno do narcisismo na civilização?

Para dar conta desses objetivos investimos no primeiro capítulo a revisão bibliográfica da obra de Freud para dar conta de tratar sobre as origens do conceito de narcisismo, privilegiando dois textos 'pré-psicanalíticos': *As Psiconeuroses de Defesa* (1894) e *Observações adicionais sobre as psiconeuroses de Defesa* (1896). Daí operamos um salto para 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, investigando as fases de desenvolvimento da sexualidade infantil (oralidade, a fase libidinal, a relação da masturbação com as neuroses atuais e a paranoia com a homossexualidade). Por fim, tratamos da relação entre o narcisismo e a onipotência dos pensamentos do bebê.

No segundo capítulo exploramos o texto de 1914 '*Sobre o Narcisismo: Uma introdução*'. Aqui, como já mencionamos, percebemos que o conceito de narcisismo vai preparar Freud para o que viria a ser a metapsicologia psicanalítica. Traremos, também, considerações sobre o narcisismo primário e secundário, o eu ideal e o ideal de eu em sua formação e relação com o narcisismo, bem como algumas considerações das disputas de Freud com Jung acerca do narcisismo e os fenômenos da psicose. Ainda neste capítulo trazemos os textos de 1915 '*As pulsões e seus destinos*' e 1917 '*Luto e Melancolia*' para elaborar as questões da perda de objeto, o vazio do eu, a identificação com o objeto perdido na melancolia e suas relações com o narcisismo.

Por fim, o terceiro capítulo analisa o narcisismo na segunda tópica freudiana, trabalhando o conceito de identificação a partir do texto de 1921 '*Psicologia das massas e análise do eu*', retomando também as considerações de 1923 (O eu e o Isso) para demonstrar, no quadro da tese do dualismo pulsional, como ficam as reflexões sobre as pulsões e suas implicações nas definições de autoerotismo e

escolha de objeto. Por fim, tecemos algumas considerações sobre o narcisismo das pequenas diferenças, inicialmente trabalhado em 1917 no texto '*O Tabu da Virgindade*' e retomado em 1921 na '*Psicologia das massas e análise do eu*' e em 1930 '*Mal-estar na civilização*'. Aqui a preocupação é a de demonstrar como o narcisismo opera diante de um outro que carrega tantas semelhanças, mas que, contraditoriamente, precisa reforçar traços identitários que justifiquem uma diferença lida como fundamental.

Capítulo 1 – As Origens do Narcisismo

*“Coisa Rara:
teu espelho
tem minha cara”*

Millôr Fernandes

Publicado em 1966², na coletânea '*Escritos*', está um dos textos do psicanalista francês Jacques Lacan que hoje se considera fundamental para compreensão da tradição psicanalítica da escola francesa: '*O Estádio do Espelho como formador da função do Eu*'. A importância desse texto se dá, justamente, porque ali Lacan elenca o narcisismo como um dos pilares de sua obra. O Estádio do Espelho seria mesmo, ao nosso entendimento, uma das melhores releituras do narcisismo freudiano. Nas palavras de Lacan (1966, p. 94):

Basta compreender o estágio do espelho como uma *identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a este termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o *eu* se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.

² Esse texto tem uma história longa: foi apresentado, pela primeira vez, em 1936 em dois eventos, depois em Zurique em 1949 e publicado em 1966 no livro *Escritos*. Para efeito desse trabalho, utilizamos a versão de 1966 dos *Escritos*.

O estágio do espelho lacaniano corresponderia ao instante em que a criança, ainda desprovida da capacidade de se perceber como uma unidade, capta sua própria imagem e entende que, ela mesma, é uma unidade corpórea. Esse momento se dá com a passagem pelo imaginário da criança, intuitivamente descobrindo o mundo e a realidade e compreendendo, rudimentarmente, a situação onde está inserida. No entanto, a crítica de Miguelez (2007, p. 11) parece corroborar com nosso sentimento no que se refere à colocação do narcisismo na obra Lacaniana:

O estágio do espelho é uma releitura do narcisismo freudiano, e das melhores. Mas a articulação do narcisismo com o registro do imaginário fez com que o narcisismo ficasse cada vez mais secundário. O jogo de registros (imaginário, simbólico e real), os nós borromeanos e os matemas ganharam espaço. No final da obra e nos seus atuais seguidores, o narcisismo ficou como que eclipsado frente ao colossal aparelho conceitual do lacanismo, embora continue sendo um termo bastante empregado.

Assim como a escola francesa de psicanálise, na figura de Lacan, as escolas inglesa e americana parecem ter, também, validado uma compreensão e uso do conceito de narcisismo que, ao mesmo tempo que amplia, também desloca seu sentido original (MIGUELEZ, 2007). Mas seria possível falar em raiz, originalidade e gênese do narcisismo, no intuito de chegar a algo conclusivo e fechado sem nenhuma outra possibilidade de uso e compreensão?

Como veremos nos tópicos a seguir, talvez, como sugere Miguelez (2007), faça mais sentido o plural da palavra: Narcisismos! Justamente pelo fato de este conceito agrupar uma série de momentos da psicanálise freudiana, bem como compreender uma vasta gama de fenômenos psíquicos. Se, por um lado, este termo nasce da interlocução entre Freud e Jung para dar conta do entendimento de quadros psicóticos, também faz referência ao modelo de relação entre pais e filhos, chegando, finalmente, a servir como base de pensamento para fenômenos sociais como: o líder, a guerra, as massas (MIGUELEZ, 2007). Considerar a pluralidade do conceito de narcisismo parece ser um caminho mais interessante do que afirmar um narcisismo único e verdadeiro na obra freudiana, pois o próprio

Freud se valeu desse conceito em diferentes momentos e casos. Mas, então, a pergunta permanece: o que podemos entender por narcisismo?

1.1 O mito de Narciso e considerações sobre mito em psicanálise

Não esqueçamos que Freud desmitologizou Édipo e Narciso...

Juliano Fontanari

O que sucede é uma versão³ do mito de Narciso, originalmente narrado pelo poeta romano Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.). Por se tratar de uma versão adaptada, deixo em nota de rodapé o local virtual de onde extraí a lenda.

Narciso era um jovem de extrema beleza. Porém Narciso preferia viver só, pois não havia encontrado ninguém que julgasse merecedora do seu amor. E foi este desprezo que devotava às jovens a sua perdição. Havia uma bela ninfa, Eco, amante dos bosques e dos montes. Hera condenou-a a não mais poder falar uma só palavra por sua iniciativa, a não ser responder quando interpelada. Assim a ninfa passeava por um bosque quando viu Narciso que perseguia a caça pela montanha. Seguiu-lhe os passos e quis dirigir-lhe a palavra, falar o quanto ela o queria... Mas não era possível. Distraída pelos seus pensamentos, não percebeu que o jovem dela se aproximara e foi terrível o que se passou. Narciso fugiu, e a ninfa, envergonhada, correu para se esconder no recesso dos bosques. Daquele dia em diante, passou a viver nas cavernas e entre os rochedos das montanhas. Nada restou além da sua voz. Eco, porém, continua a responder a todos que a chamem, e conserva seu costume de dizer sempre a última palavra. Não foi em vão o sofrimento da ninfa, pois Nêmesis vira tudo o que se passou. Como punição, condenou Narciso a um triste fim. Havia, não muito longe dali uma fonte clara, de águas como prata. Ali chegou um dia Narciso e se debruçou sobre a fonte para banhar-se e viu uma bela figura que o olhava de dentro da fonte. Apaixonou-se pelo aspecto saudável e pela beleza daquele ser que, de dentro da fonte, retribuía o seu olhar. Não podia mais se conter. Baixou o rosto para beijar o ser, e enfiou os braços

³ Disponível em: https://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito_filosofia_arquivos/narciso.pdf Acesso em 17/12/2021. A versão exposta neste trabalho é uma compilação da versão estendida dessa fonte.

na fonte para abraça-lo. Porém, ao contato de seus braços com a água da fonte, o ser sumiu para voltar depois de alguns instantes, tão belo quanto antes.

- Porque me desprezas, bela criatura? Quando estendo os braços, fazes o mesmo para então sumires ao meu contato.

Suas lágrimas caíram na água, turvando a imagem. E, ao vê-la partir, Narciso petrificou. Assim Narciso ficou por dias a admirar sua própria imagem na fonte, esquecido de alimento e de água, seu corpo definhando, e quando ele gritava "Ai, ai", Eco respondia com as mesmas palavras. Assim o jovem morreu. As ninfas choraram seu triste destino. No lugar onde faleceu, entretanto, as ninfas encontraram apenas uma flor roxa, rodeada de folhas brancas. E, em memória do jovem Narciso, aquela flor passou a ser conhecida pelo seu nome. Dizem ainda, que quando a sombra de Narciso atravessou o rio Estige, em direção ao Hades, ela debruçou-se sobre suas águas para contemplar sua figura.

A linguagem mítica pareceu apropriada para Freud na construção da teoria psicanalítica: Édipo e seu complexo nuclear das neuroses (1923); Eros, que une tudo que está no mundo, e a pulsão de vida (1920); Tânatos, que a tudo destrói e nada perdoa, e a pulsão de morte (1920); e também Narciso, mortal encantado por si mesmo e, assim, se condena a um destino trágico (1914).

Embora a linguagem mítica não seja, *a priori*, produtora de verdade⁴, podemos caracteriza-la a partir do lugar que ocupa, isto é, ela estaria na sutura entre o pensamento individual e a linguagem coletiva. Mitos encorajam o pensamento a buscar respostas no mundo ao produzir um imaginário que, caso seja exposto à religião, ou à mágica (como acontece com a criança), desemboca na experiência de encarnar a linguagem ao próprio corpo e à própria vida, fazendo parecer que existe mesmo uma objetividade material em um lugar que apenas a linguagem acessa. Os mitos, ao que parece, cumprem a função de uma transmissão de saberes geracionais, mas, além disso, Freud aposta em Totem e Tabu (1913) que o próprio conteúdo mitológico haveria de ser passado geracionalmente.

⁴ Aqui entendida epistemologicamente como a produção científica reproduzível e verificável. Verdade alinhada com o ideal positivista de cientificidade.

Diz Freud (1913, p. 187):

Ninguém pode ter deixado de observar, em primeiro lugar, que tomei como base de toda minha posição a existência de uma mente coletiva, em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente de um indivíduo. Em particular, supus que o sentimento de culpa por uma determinada ação persistiu por muitos milhares de anos e tem permanecido operativo em gerações que não poderiam ter tido conhecimento dela. Supus que um processo emocional, tal como se poderia ter desenvolvido em gerações de filhos que foram maltratados pelos pais, estendeu-se a gerações novas livres de tal tratamento, pela própria razão do pai ter sido eliminado. Devo admitir que estas são dificuldades graves e qualquer explicação que pudesse evitar pressuposições dessa espécie seria preferível.

Muito do conteúdo geracional seria, então, transmitido através de mitos (FONTANARI, 2008). Poderíamos pensar que conteúdo os mitos transportam e de que forma a transmissão poderia acontecer. O próprio lugar em que os mitos estão nos daria uma pista: um lugar entre emoção, ação e linguagem! Dessa forma, mitos precisam ser investidos de algo pulsante, algo vivo, para preservarem seu poder de transmissão, do contrário parecem estar fadados ao esquecimento. Aqui, no contemporâneo, podemos também pensar em uma série de mitos que coordenam, transmitem, subjetivam e organizam nossa vida social: a moda, códigos de comportamento e 'morais grupais' (*idem*). Nesse caminho, parece apropriado mesmo que Freud tenha escolhido uma linguagem mítica para dar conta de algo, que desde tempos imemoriais, parece ainda querer ser transmitido e atualizado em nosso tempo: narcisismo.

1.2 Primeiras aproximações do conceito de narcisismo em Freud

*“Desde as suas origens, a Psicanálise é acusada
de psicopatologizar a existência humana”.*

Maria das Graças Araújo

A teoria freudiana, e consequentemente sua clínica, desenvolve-se e se constrói a partir da esfinge de uma época: o fenômeno da histeria! “Assim, os pilares da teoria psicanalítica freudiana, a partir dessa perspectiva, são solidários com o

estudo das neuroses, dentre as quais a histeria ocuparia o papel de protagonista” (MIGUELEZ, 2007, p. 59). De fato, parece haver certa concordância que o campo das psicoses teria sido mais explorado posteriormente com Klein, Bion, Lacan, Jung, entre outros (*idem*). A teoria e clínica freudiana, talvez, pudesse mesmo ser definida como ‘clínica das neuroses’. Todavia, desde os primórdios Freud tenta, de algum modo, estabelecer contato com o campo das psicoses, mesmo que seja difícil afirmar que o termo psicose aparece nos escritos freudianos tal qual hoje o compreendemos. A presença de alguns elementos como alucinações, delírios e outros sintomas sugerem que Freud se preocupava com o fenômeno da psicose mesmo antes da formulação da sua teoria, em 1900. E esta preocupação não parece estar tão afastada dos quadros psicóticos atuais. De toda forma, percebemos o quanto a aproximação de Freud com o campo das psicoses parece ser fundamental para as elaborações freudianas acerca do narcisismo, como veremos a seguir.

Inicialmente, Freud se vale de conceitos como defesa do eu, paranoia e projeção para descrever alguns quadros psicóticos. E o desenvolvimento dessas elaborações culminaria, em 1914, com o texto sobre o narcisismo. Por hora, sigamos o percurso freudiano de forma cronológica.

O texto de 1894, ‘*As neuropsicoses de defesa*’, mostram que, inicialmente, Freud pensava a psicose como uma defesa do eu frente a uma representação intolerável ou insuportável, colocando o quadro psicótico como uma espécie de fuga de uma realidade considerada hostil pelo eu. De fato, por mais que o termo ‘defesa’ já tivesse sido anunciado na ‘Comunicação Preliminar’ de 1893, é no texto de 1894 que a teoria da defesa seria extensivamente trabalhada.

Freud (1894) inicia a primeira sessão do artigo refutando a tese de Pierre Janet que a histeria poderia ser compreendida a contento a partir da noção de automatismo psíquico: tese defendida por Janet de que os estados mentais que ele considera como inferiores (sonhos, paixões, sonambulismo, etc) poderiam explicar a divisão da consciência presente nos fenômenos histéricos. Janet formularia sua tese de automatismo psíquico em 1889, portanto, já neste período, defendia que estados histéricos pareciam revelar a presença de uma *seconde conscience*, isto é, uma espécie de consciência alheia à vontade do sujeito que guardava memórias

e representações traumáticas, onde os eventos histéricos seriam, então, a reprodução automática desta *seconde conscience*. (JANET, 1889).

Para Janet,

(...) Quando a mente é normal, ela apenas cede ao automatismo certos atos inferiores que, se as condições permaneceram as mesmas, podem repetir-se sem problemas. Porém, ela está sempre ativa para, a cada instante da vida, realizar as novas combinações que se tornam incessantemente necessárias para manter-se em equilíbrio com as mudanças do meio. Essa união das duas atividades é, portanto, a condição da liberdade e do progresso. Entretanto, basta a atividade criadora da mente, depois de ter trabalhado no início da vida e acumulado certa quantidade de tendências automáticas, cessar de agir de repente, e descansar antes do fim, para que a mente se torne inteiramente desequilibrada e entregue sem contrapeso à ação de uma única força. (JANET, 1889/2008, p. 313).

Neste caminho, Freud vai apresentar na primeira seção do texto de 1894 um argumento que contraria a tese de Janet no seguinte aspecto: para Janet a divisão da consciência na histeria deriva de um processo primário em que uma segunda forma de consciência assume um controle automático sobre o corpo e a vida do sujeito, mas, para Freud, o fenômeno histérico derivaria de um processo secundário do psiquismo e seria, grosso modo, adquirido e não-herdado. Para além desse argumento, Freud vai colocar que a própria histeria poderia ser pensada e enxergada como uma espécie de defesa contra representações e ideias intoleráveis ao eu. Aqui Freud também propõe o termo ‘conversão’ para se referir ao processo de retirada de investimentos da psique para o próprio corpo⁵: “Assim verificamos que o fator característico da histeria não é a divisão da consciência, *mas a capacidade de conversão* [...]” (FREUD, 1894, p. 63).

Na segunda seção deste texto, Freud tenta dar conta das ideias obsessivas a partir do conceito de ‘falsas conexões’, que seriam, grosso modo, associações afetivas à ideias não originárias dos afetos traumáticos rechaçados da consciência. Aqui Freud, pela primeira vez, começa a privilegiar a sexualidade como digna de

⁵ De fato aqui Freud já traz o conceito de conversão, mas será em 1895, em ‘*Estudos sobre Histeria*’, em colaboração com Breuer, que Freud levará essas reflexões à exaustão.

atenção para as reflexões em psicopatologia e clínica. A obsessão, neste sentido, seria

[...] em primeiro lugar a fonte do afeto que se posta agora em uma falsa conexão. Em todos os casos que analisei, era a vida sexual do sujeito que havia despertado um afeto aflitivo, precisamente da mesma qualidade ligada à sua obsessão. [...] Além disso, é fácil verificar que é precisamente a vida sexual que provoca as mais numerosas ocasiões para a emergência de ideias incompatíveis (FREUD, 1894, p. 65)

Assim, Freud prossegue com sua argumentação de que a obsessão seria uma espécie de formação substitutiva para ideias sexuais incompatíveis, ou intoleráveis, para a consciência do sujeito. Afirma que muitos dos processos obsessivos que pôde observar atuam fora do campo consciente e, por mais distante que ele ainda estivesse de formular sua teoria acerca do inconsciente, encontramos neste texto algumas insinuações, até explícitas, acerca da natureza inconsciente da psique.

Por fim, será na terceira sessão deste texto que Freud tentará tecer algumas reflexões acerca de um tipo de defesa que ele considera mais poderosa e bem sucedida do que as que enumerou até agora. Até aqui, o esquema poderia ser desenhado da seguinte forma:

- 1) Uma ideia incompatível com a consciência desperta uma carga afetiva sentida como angustiante;
- 2) A defesa seria, então, separar essa ideia de seu afeto, permitindo que o afeto se ligasse a outra(s) ideia(s) que fosse(m) adequada(s) a uma falsa conexão;
- 3) A ideia permaneceria ainda na consciência, mesmo que sem a força do afeto e isolada deste;
- 4) O afeto, agora ligado a outras ideias, poderia ser convertido para o corpo (histeria) ou produzir ideias obsessivas (neurose obsessiva).

No entanto, Freud tenta dar conta de argumentar acerca de fenômenos psicóticos, ao sinalizar que existe a possibilidade do ego se defender de uma ideia

incompatível, rechaçando não só o afeto, mas, também, a própria ideia da consciência. Como se esta ideia nunca tivesse surgido. Diz que se o sujeito tem sucesso nessa operação psíquica está adentrando em um quadro psicótico que ele chama de confusão alucinatória. Exemplifica com o caso de uma moça que devotou seu afeto a um homem que visitava constantemente a sua casa. Infelizmente, para essa moça, o homem tinha intenções bem diferentes das que ela fantasiava. Um dia, quando ele não aparece em uma comemoração familiar a qual ela o esperava, começa a alucinar de que ouve a voz dele no jardim e, com suas vestes noturnas, vai ao seu encontro para recebe-lo. Freud defende que ela passa de um estado histérico para um estado psicótico: uma fuga para a psicose na tentativa de se defender do ocorrido. Nas palavras de Freud:

O ego escapa da ideia incompatível; esta, porém, é ligada inseparavelmente a um fragmento da realidade, de modo que, à medida que o ego alcança esse resultado, ele se destaca também, parcial ou inteiramente, da realidade. Em minha opinião, esse último evento é a condição sob a qual as ideias do sujeito recebem a vividez das alucinações; assim, quando a defesa consegue ser levada a cabo, ele se encontra num **estado de confusão alucinatória** (FREUD, 1894, p. 72, *negrito nosso*).

Freud termina tal citação reclamando da falta de casos clínicos que pudessem verificar a veracidade de suas afirmações, mas dá o exemplo da mãe que perde o bebê e, ao ser internada em um manicômio, não cessa de embalar em seu colo a criança que nunca mais estará em seus braços. De fato, este não é o único texto onde Freud pontua a falta de casos de quadros psicóticos disponíveis (FREUD, 1896; 1905), mas, mesmo assim, seu olhar não deixava o fenômeno tão afastado. Certamente Freud nos anos finais de 1800 estava bastante preocupado, e animado, em descrever o mecanismo psíquico das histéricas, no entanto, sua empreitada em diferenciar a histeria de outras psicopatologias o levaria a percorrer outros fenômenos: melancolia, paranoia, confusão alucinatória... O que importa apreender em Freud (1894; 1896) neste momento é que seria justamente essa

noção de ‘defesa’ que, de algum modo, permitiria a articulação do campo psicopatológico com a questão narcísica⁶. Sigamos, então, para 1896!

No texto ‘*Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa*’, de 1896, Freud retoma as considerações de 1894, dividindo novamente o trabalho em três seções: a primeira é dedicada à histeria, a segunda às obsessões e dedica a terceira seção à paranoia. Mesmo que ainda levasse quase duas décadas para articular o fenômeno da projeção na paranoia ao narcisismo, é curioso observar que ali, neste texto, o que ele ainda buscava era a causação e a etiologia do sexual na diferenciação entre histeria e psicoses.

Se em 1894 Freud sustenta a sexualidade como potencial causadora dos males psicológicos da época, será no texto de 1896 que ele descreverá diferentes nuances desses padecimentos psíquicos a que se pretende dar conta. Na primeira seção do texto Freud diz que, no caso específico da histeria, há um determinante que é temporal e, ao mesmo tempo, de atitude do sujeito frente ao evento traumático: o tempo em que deve ocorrer a sedução de um adulto seria antes do período púbere e a atitude do sujeito deveria ser de passividade total frente à essa sedução.

Para causar a histeria, não basta ocorrer em algum período da vida do sujeito um evento relacionado à sua vida sexual [...] tais traumas sexuais precisam ocorrer na **tenra infância**, antes da puberdade [...] Descobri esse determinante específico da histeria – **passividade sexual durante o período pré-sexual** [...] (FREUD, 1896, p. 188, *negrito nosso*)

Sabemos que Freud abandona esse esquema sedução-trauma-defesa à medida que questiona a generalidade dos abusos sexuais na tenra infância e dá lugar às reflexões sobre o poder da fantasia no psiquismo. No entanto, neste momento de sua teoria, importar observar o manejo de Freud na investigação sobre histeria no que concerne à uma certa ‘inconsciência’ desses eventos traumáticos, afirmando que os traços destes eventos “[...] nunca estão presentes na memória consciente, mas apenas nos sintomas da doença” (*idem*, p. 191). Como Freud

⁶ Muito embora já tenhamos citado, acima, no trabalho que nestes textos a preocupação principal de Freud seja mesmo a de descrever os mecanismos psíquicos da histeria e sua etiologia sexual.

ainda não havia elaborado a teoria do aparelho psíquico, dentre outros conceitos da psicanálise, seria anacrônico afirmar que aqui já se tratava do inconsciente enquanto estrutura, mas, em uma nota de rodapé acrescentada em 1924, Freud dirá que, neste momento, ainda não podia distinguir entre as fantasias infantis e as recordações reais de seus pacientes. E orienta a não considerar todo esse texto como superado, na medida em que “A sedução retém uma certa importância etiológica, e mesmo hoje considero alguns desses comentários psicológicos adequados” (*idem*, p. 193-194). Assim, passamos à segunda seção do texto.

Trata-se da natureza e do mecanismo da neurose obsessiva. Assim como ocorre com a histeria na primeira seção, Freud situará o fenômeno da obsessão em um tempo e em uma atitude do sujeito: ainda permanece, na obsessão, uma certa passividade frente a um trauma sexual na tenra infância, mas, diferentemente da atitude passiva, aqui o sujeito dirige seu ódio e sua agressividade contra o outro sexo, tornando a atitude obsessiva ativa. Nas palavras de Freud:

Em um primeiro período – o período da imoralidade infantil – ocorrem os eventos que contêm o germe da neurose posterior. Antes de tudo, **na mais tenra infância**, temos experiências de sedução sexual que tornarão a repressão possível mais tarde, e então sobrevêm os **atos de agressão** sexual contra o outro sexo, que aparecerão depois sob a forma de **atos que envolvem autoacusação** (FREUD, 1896, p. 195, *negrito nosso*).

Por fim, chegamos ao ponto central destes textos no que concerne ao objetivo deste trabalho: a terceira seção do texto de 1896. Aqui Freud inicia argumentando que o mecanismo da paranoia deveria ser diferenciado do da histeria e da neurose obsessiva. Se a histeria leva a cabo a mecânica da repressão pela conversão em inervação somática e, diferentemente, a neurose obsessiva o faz pela formação substitutiva, isto é, deslocando categorias de suas associações, então qual seria o mecanismo da paranoia? Há similaridades entre os três quadros trabalhados no texto. Por exemplo⁷: Freud diz que tanto na neurose obsessiva quanto na paranoia podemos identificar alguns sintomas a partir do retorno do

⁷ Sigo o caso de Frau P., mulher, 32 anos, paciente que Freud descreve neste texto para elucidar as questões relativas ao caso de paranoia. No próprio texto Freud sinaliza similaridades e diferenças entre a paranoia e a neurose obsessiva/histeria.

recaldado, especialmente nos casos de ideias delirantes. Já no caso de delírios visuais vemos a semelhança com o que acontece na histeria: uma repetição quase inalterada de eventos da memória traumática na realidade.

É o caso (**na comparação entre paranoia e neurose obsessiva**), por exemplo, tanto da delirante ideia de minha paciente de ser observada enquanto se despia, como de suas alucinações visuais, de suas alucinações de sensação e de sua audição de vozes. [...] O retorno do reprimido nas imagens visuais aproxima-se mais da natureza da histeria do que da neurose obsessiva [...] (FREUD, 1896, p. 210, *negrito nosso*)

Mas então, que parece acontecer na paranoia para que Freud sustente sua posição de que ela também se trata de uma defesa, mesmo entendida na categoria de psicose? Trata-se de um mecanismo, até então, inédito nos artigos de Freud: é a primeira vez em um texto publicado que Freud usa o termo 'projeção'. E, neste caminho, conseguiremos compreender como o campo da psicose parece mesmo ter, como argumenta Miguelez (2007), preparado Freud para dar conta da formalização do narcisismo alguns anos depois.

Na neurose obsessiva, a autoacusação inicial foi reprimida pela formação do sintoma primário de defesa: a autodesconfiança. Com isso, a autoacusação é reconhecida como justificável; e, atuando contra ela, a conscienciosidade que o sujeito agora adquiriu durante seus intervalos saudáveis protege-se agora de dar crédito às autoacusações que retornam sob a forma de ideias obsessivas. Na paranoia a autoacusação é reprimida por um processo descrito como **projeção**. É reprimida pelo estabelecimento do sintoma defensivo de desconfiar de outras pessoas. Dessa maneira, o sujeito deixa de reconhecer a autoacusação; e, como que para compensá-lo disso, fica privado de uma proteção contra as autoacusações que retornam em suas ideias delirantes (FREUD, 1896, p. 210, *negrito nosso*).

Freud (1895, p. 228) escreve, um ano antes da publicação do artigo acima, uma carta a Fliess onde afirmava que “[...] o propósito da paranoia é rechaçar uma ideia que é incompatível com o ego, projetando seu conteúdo no mundo externo”. Claro: precisamos lembrar que, nessa época, Freud estava preocupado em englobar o maior número de casos possíveis no esquema sedução-trauma-defesa, teoria que logo abandonaria em 1900, juntamente com o método hipnótico e

catártico. No entanto, chama a atenção o fato de que, na paranoia, além do papel da projeção, Freud insinua uma espécie de ‘amor a si mesmo’. Como se a defesa paranoica tentasse dar conta de fazer com que o sujeito não visse, ou não admitisse, seu fracasso, fraqueza ou impotência.

O alcoólatra jamais admitirá perante si mesmo que se tornou impotente por causa da bebida. Por mais que consiga tolerar o álcool, não consegue suportar esse conhecimento. Assim, é a sua mulher a culpada – delírios de ciúmes, e assim por diante. [...] Em todos os casos a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra ideia, intoleravelmente penosa, é rechaçada do ego. Assim, **essas pessoas amam seus delírios como amam a si mesmas. É esse o segredo** (*idem*, p. 232, *negrito nosso*).

Perceber que aquele que delira ama seu delírio aponta para o que parece ser uma gênese do sujeito, isto é: a defesa de uma imagem amada de si mesmo (MIGUELEZ, 2007). A princípio, essa constatação encontra pouca força nos textos dos anos seguintes, somente sendo elaborada sob o conceito de narcisismo muitos anos depois. A carta 52, de 6 de dezembro de 1896, resume bem o trabalho de Freud nesse período, mas uma terminologia mais apropriada vai aparecendo no texto e se familiariza com o que encontramos nas ideias defendidas por Freud após 1900: prazer – desprazer, inconsciente, aparelho psíquico, etc.

Mas, na carta 69 de 21 de setembro de 1897, Freud estava pronto para confessar a Fliess um segredo: “Não acredito mais na minha neurótica (*idem*, p. 279). Ali, nesta carta, estaria o embrião do que viria a ser o Complexo de Édipo, a teoria da sexualidade infantil e, após sua própria autoanálise, Freud começa a se ocupar com estes temas e com a interpretação dos sonhos. Mais de dois anos depois escreve outra carta a Fliess, carta 125 de 9 de dezembro de 1899, em que o tema da paranoia volta à cena, mas já sendo elaborado a partir de uma nova teoria sexual. Por se tratar de uma carta mais curta, penso que vale a pena colocá-la na íntegra.

Há não muito tempo tive o que pode ter sido um primeiro vislumbre de uma coisa nova. Tenho diante de mim o problema da ‘escolha da neurose’. Quando é que uma pessoa se torna histérica em vez de paranoica? Uma primeira tentativa rudimentar, feita na época em que eu tentava, à força, tomar a cidadela de assalto, deu-me a

impressão de que essa escolha dependia da idade em que ocorreram os traumas sexuais – da idade que a pessoa tinha na época da experiência. Abandonei há muito tempo esse ponto de vista, e fiquei sem meio de solucionar a questão até há poucos dias, quando comecei a compreender um elo da teoria da sexualidade.

A camada sexual mais inferior é o autoerotismo, que age sem qualquer objetivo psicosexual e exige somente sensações locais de satisfação. Depois dele vem o alo-erotismo (homo e hetero-erotismo); mas ele certamente também continua a existir como uma corrente separada. A histeria (e sua variante, a neurose obsessiva) é alo-erótica: sua via principal é a identificação com a pessoa amada. A paranoia desfaz novamente a identificação; restabelece todas as figuras amadas da infância que foram abandonadas e dissolve o próprio ego em figuras externas. Assim, cheguei a considerar a paranoia como uma irrupção da corrente autoerótica, como um retorno à posição então prevalente. A perversão correspondente a ela seria que o que se conhece como 'loucura idiopática'. As relações especiais do autoerotismo com o 'ego' original projetariam viva luz sobre a natureza dessa neurose. Nesse ponto, o fio se interrompe (*idem*, p. 299-300).

Como bem assinala Miguelez (2007), esse fio analítico interrompido não permaneceria assim por muito tempo. Aqui já estamos quase em plena psicanálise! Impressiona o quanto o pensamento de Freud, já em 1899, estava tão próximo de conceitos que mais tarde desembocariam na elaboração do narcisismo. Aqui, muito embora o autoerotismo pareça apontar para o narcisismo, Freud ainda não consegue dar conta das especificidades dos grupos psicóticos, deixando de delinear com clareza seus contornos e limites. No entanto, a noção de autoerotismo será crucial para que o conceito de narcisismo seja formalizado a contento em 1914 na teoria freudiana. Assim, passemos às considerações sobre o texto de 1905, 'Três ensaios sobre a teoria da sexualidade', onde Freud explicita as questões fundamentais para a questão do autoerotismo e a sexualidade infantil.

1.3 'Três ensaios': Autoerotismo e a sexualidade infantil

Este texto ganha importância na teoria freudiana à medida que Freud, ao abandonar o esquema que utilizava para explicar a condição histérica (sedução-trauma-defesa), substitui as considerações antigas pela sentença clássica: a neurose é o negativo da perversão; isto é, a condição da sexualidade perverso-polimorfa, vivida na infância, agora precisa desembocar na escolha da neurose

para que o sujeito possa vir a ser aceito na cultura. Green (1988) corrobora a impressão de que há, e parece sempre haver, na sexualidade os elementos para se pensar tanto as relações objetais na vida adulta quanto a etiologia das neuroses. Diz Green (1988, p. 37):

De início, é o modelo da perversão que justifica o remanejamento teórico de 'Introdução ao Narcisismo' (1914). Repreensão para aqueles que estão seduzidos pela sereia junguiana de 'fora-do-sexo'. Não, a sexualidade está sempre aí, e se há algo de não-sexual no amor próprio é preciso enfiar na cabeça que o amor-próprio do adulto está enraizado no amor de que a criança se apropria em seu proveito, desviado dos objetos.

Freud (1905) dedica especificamente o segundo ensaio para elaborar sua teoria sexual infantil. Inicia descrevendo sua surpresa ao observar que a história da ciência dedicou muito mais tempo a estudar os fatores hereditários, geracionais, relacionados à sexualidade e que, paralelamente, teríamos esquecido de fazer um recuo temporal não apenas para nossos ancestrais primitivos, mas, principalmente, para o período de nossa infância. Em uma nota de rodapé de 1915 Freud acrescenta: "Nem é possível apreciar corretamente o papel desempenhado pela hereditariedade até que o papel desempenhado pela infância tenha sido avaliado" (FREUD, 1905, p. 177). Diz que, até o presente ensaio, a questão do desenvolvimento sexual era omitida em manuais médicos, como se o fenômeno da sexualidade 'simplesmente despertasse' na puberdade. De fato, ao defender a presença de componentes de sexualidade desde os anos iniciais da infância, Freud está preocupado em descrever as possíveis conexões entre os fatores sexuais e o mecanismo da histeria. Ao relatar a amnésia que sofremos, em sua visão, dos eventos anteriores aos oito anos de idade, diz Freud (1905, p. 180):

Acredito, então, que a amnésia infantil, que transforma a infância de todos em algo semelhante a uma época pré-histórica e lhes oculta o início de sua própria vida sexual, é responsável pelo fato de, em geral, nenhuma importância se atribuir à infância no desenvolvimento da vida sexual. [...] Já em 1896 eu insistia na importância dos anos da infância na origem de certos fenômenos importantes ligados à vida sexual, e desde então nunca deixei de dar ênfase ao papel desempenhado na sexualidade pelo fator infantil.

Dedica-se, então, a percorrer esse caminho para responder a seguinte questão: “[...] qual é a característica geral que nos possibilita reconhecer as manifestações sexuais das crianças?” (*idem*, p. 185). Ao descrever as características da sexualidade infantil, Freud apresenta, para o leitor, a descrição baseada em um conceito até então pouco explorado: o autoerotismo; trazendo como exemplo o ato de chupar o dedo, e outros, para exemplificar o que comunica:

Temos a obrigação de fazer um exame minucioso deste exemplo. Deve-se insistir em que a característica mais nítida desta atividade sexual é que o instinto não é dirigido para outras pessoas, mas obtém satisfação no próprio corpo do indivíduo. É autoerótico, para chamá-lo por um termo bem escolhido, introduzido por Havelock Ellis.

Além do mais, é claro que o comportamento de uma criança que se dedica a chupar o dedo é determinado pela busca de algum prazer que já foi experimentado e é agora lembrado (*idem*, p. 186)

Migueluez (2007) chama a atenção para olharmos a oralidade da pulsão, nessa passagem, como o que não está sendo dirigida a outra pessoa. Seria esta falta de uma outra pessoa que caracterizaria o autoerotismo. No entanto, a pretensa anobjetividade⁸ do auto-erotismo não é possível, à medida que a presença de um outro experiente, somada a falta de direcionamento para este outro, seria exatamente o que nos permite dizer que se a sexualidade infantil é autoerótica não o é porque simplesmente aparece, como que mágica, com independência do outro, mas ao contrário: é exatamente autoerótica porque as vivências de prazer que este outro introduz com seus cuidados iniciais podem, de alguma forma, geralmente alucinatória, serem revividas sem a presença física deste outro (MIGUELEZ, p. 65-68)! Isto importa, na medida em que o próprio Freud, argumentando acerca do objetivo sexual infantil, diz o seguinte:

O objetivo sexual do instinto infantil consiste em obter satisfação por meio do estímulo apropriado da zona erógena que foi selecionada de uma maneira ou de outra. **Essa satisfação precisa ter sido experimentada anteriormente a fim de ter deixado atrás**

⁸ Como se a pulsão infantil não carregasse consigo o seu objeto, ou o objeto fosse completamente dispensável ou sequer existisse. Como veremos no texto de 1915, ‘A pulsão e seus destinos’, o objeto é uma das quatro características essenciais da pulsão: Fonte, Pressão, Meta e Objeto. Trataremos mais disso no próximo capítulo com a metapsicologia.

de si a necessidade de repetição [...] Já vimos qual o expediente que cumpre essa finalidade no caso da zona labial: é a conexão simultânea que liga esta parte do corpo à ingestão de alimentos (**via outro através do seio materno**). (*idem*, p. 189, *negrito e acréscimo nossos*)

Fica evidente que Freud não estava alheio ao fato de que mesmo as alucinações infantis autoeróticas revivem experiências conectadas a objetos.

No entanto, Miguelez (2007) argumenta que algumas considerações posteriores à 1905 fariam Freud refletir acerca da generalidade do autoerotismo na sexualidade infantil, isto é, gradativamente ele vai abandonando a ideia de que toda extensão da infância seria exclusivamente autoerótica e passa a considerar o autoerotismo como um dos estágios do desenvolvimento da sexualidade. Inclusive, o próprio modelo de oralidade, inicialmente privilegiado para dar conta da descrição da erótica infantil, vai se consolidando desta maneira à medida que Freud percebe “[...] que não mais considera a analidade exclusivamente autoerótica” (MIGUELEZ, 2008, p. 69). Inicialmente, Freud se reporta às organizações pré-genitais, assim chamadas porque as zonas genitais ainda não assumiram o papel predominante, dividindo-as em dois momentos: a oralidade e a analidade; ou, como hoje as descrevemos: fase oral e fase anal. Nas palavras de Freud (1905, p. 204):

A primeira é a oral ou, como poderia ser chamada, a organização sexual canibal. Aqui, a atividade sexual ainda não se separou da ingestão de alimentos, nem são correntes opostas dentro da atividade diferenciada. [...] Uma segunda fase pré-genital é a da organização sádico-anal. Aqui a oposição entre duas correntes, que persiste por toda vida sexual, já está desenvolvida [...] Nesta fase, portanto, já se observa uma polaridade sexual e um objeto estranho. Mas a organização e subordinação à função reprodutora ainda estão ausentes.

Esta passagem está presente no item *Fases do Desenvolvimento Sexual*, no segundo ensaio. No entanto, esse trecho foi introduzido na versão de 1915, isto é, um ano após o texto sobre o narcisismo ter sido publicado (AMARAL, 1995). Dessa forma, esta citação nos faz pensar que o autoerotismo não seria ‘originário’ do psiquismo, mas originado na medida em que surge para promover uma espécie de separação entre as funções autoconservadoras do organismo (fome, nutrição, urinar e defecar) da necessidade de reproduzir os prazeres obtidos na relação com

o seio da mãe (*idem*). Assim, fica claro o quanto o autoerotismo, inicialmente pensado como característica geral da sexualidade infantil, passa a ser concebido como uma ‘fase’ do desenvolvimento sexual; em outras palavras, o autoerotismo estaria para o narcisismo primário como as relações objetais estariam para o narcisismo secundário⁹. Seria em 1913, com o texto ‘Totem e Tabu’, que Freud estaria muito mais próximo de formalizar o conceito de narcisismo em sua teoria. Passemos, então, à algumas considerações sobre este texto.

1.4 ‘Totem e Tabu’: A onipotência dos pensamentos

Como assinala Miguelez (2007), em Totem e tabu, a problemática do narcisismo é abordada pela onipotência, a partir da noção de ‘sistemas’ que emprega para dar conta das elaborações, em especial, sobre o sistema animista. Freud (1913, p. 99) diz que o animismo se trata de “um sistema de pensamento [...] e permite apreender todo o universo como uma unidade isolada, de um ponto de vista único”. Diante das cosmovisões que a humanidade parece ter utilizado para dar conta realidade, o animismo surge em paralelo com as visões religiosa e científica. O sistema animista estaria, na visão de Freud, baseado na crença de que a intervenção sobre a realidade seria possível a partir de métodos como a feitiçaria, a magia e o encantamento. Obviamente, estes métodos portam a crença de que toda sorte de vida (mineral, vegetal e animal) contém em si uma espécie de alma que poderia ser manipulada pela vontade humana para garantir os meios de sobrevivência e sucesso na realidade material.

Assim, a magia seria o método que a humanidade teria utilizado para dobrar e submeter a natureza à sua própria vontade, incidindo na realidade a partir de uma crença no espiritual residente em cada ser. Freud faz, a seu modo, uma breve diferenciação entre o uso da palavra magia *versus* feitiçaria, em que a magia seria, de fato, o modo de pensar do sistema animista. No entanto, não nos deteremos nesse ponto do texto. O que importa, neste momento, é perceber que Freud (1913, p. 108) coloca que “[...] o princípio que dirige a magia, a técnica da modalidade

⁹ Faremos a diferenciação destes momentos no próximo capítulo.

animista de pensamento, é o princípio da onipotência de pensamentos”. Ao fazer isso, Freud defende que a força motriz desse sistema é o próprio desejo!

Na terceira seção deste texto Freud diz que a expressão ‘onipotência de pensamentos’ teria sido tomada emprestada de um de seus pacientes que sofria com pensamentos obsessivos. Freud situa que este homem teria usado este termo para se referir ao seu comportamento obsessivo: se ele, o paciente, pensava em um conhecido, logo teria certeza de o encontrar caminhando na rua; se questionava sobre a saúde de alguém, recebia a notícia de que a pessoa havia falecido; se o paciente deferisse palavras maledicentes a outros, logo a pessoa acabaria sofrendo com destinos terríveis. E nesse contato com o comportamento neurótico, Freud percebe que em todas as neuroses “[...] o que determina a formação dos sintomas é a realidade, não da experiência, mas do pensamento” (*idem*, p. 109). E, ao afirmar isso, Freud coloca que na experiência da psicanálise precisamos dar conta de olhar para esses eventos focando nos “[...] pensamentos inconscientes e não nos atos intencionais” (*idem*, p. 110). Em que pese, na defesa de Freud, esses atos intencionais serem revestidos de trivialidades mundanas que em nada se assemelham aos pensamentos inconscientes. Aqui Freud coloca o mecanismo do deslocamento para elucidar essa questão. Assim, Freud argumenta que

Se estivermos dispostos a aceitar a explicação acima oferecida da evolução da maneira como do homem visualizar o universo – uma fase animista, seguida de uma fase religiosa e esta, por sua vez, seguida de uma fase científica – não será difícil acompanhar as vicissitudes da ‘onipotência de pensamentos’ através destas diferentes fases. **Na fase animista, os homens atribuem a onipotência de pensamentos a si mesmos.** Na fase religiosa, transferem-na para os deuses, mas eles próprios não desistem dela totalmente, porque se reservam o poder de influenciar os deuses através de uma variedade de maneiras, de acordo com seus desejos (FREUD, 1913, p. 111, *negrito nosso*).

Mas o que Freud quer defender ao se valer da expressão ‘onipotência de pensamentos’? Ao nosso olhar, esta expressão faz referência a uma modulação narcísica identificado no comportamento das neuroses. No entanto, será um pouco mais a frente do texto que Freud, para introduzir formalmente o conceito de narcisismo em sua teoria no ano seguinte, colocará a questão do narcisismo para explicar a onipotência dos pensamentos. Diz Freud (1913, p. 111-112):

Nessa fase intermediária (**entre o autoerotismo e a escolha de objeto**), cuja importância a pesquisa tem evidenciado cada vez mais, os instintos sexuais até então isolados já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto. Este objeto, porém, não é um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata do próprio ego, que se constituiu aproximadamente nesta mesma época. Tendo em mente as fixações patológicas dessa nova fase, que se tornam observáveis mais tarde, demos-lhe o nome de 'narcisismo' (*negrito nosso*).

Dessa forma, a onipotência de pensamentos é explicada a partir do narcisismo, em que pese o efeito da libidinização do eu fazer com que ele infle-se ao ponto de perder seus contornos, e esse agigantamento dessa estrutura desembocar em uma crença que faz com que o sujeito pense ser possível intervir na realidade a partir de uma ação psíquica. Dito de outro modo, só podemos crer na força de nossos pensamentos na medida em que estes mesmos pensamentos estejam investidos libidinalmente, tomando a si mesmos como capazes de intervenção real.

Capítulo 2 – Metapsicologia e Narcisismo

“Pode chamar de ‘absurdo’ se quiser, mas já ouvi
absurdos que fariam este parecer sensato
como um dicionário”.

Alice – Através do Espelho
Lewis Carrol

Os textos que compreendem o assunto de metapsicologia psicanalítica são, sem dúvida, profundamente férteis na extensão da obra freudiana. Revisitados a cada vez que se escreve algo no campo da psicanálise, talvez tenhamos a impressão de que nenhuma novidade poderia surgir das releituras. No entanto, Miguelez (2007, p. 99) nos diz que “[...] um dos valores da obra de Freud, que a mantém com vida até hoje, é a de sempre oferecer ao pesquisador a possibilidade de explorar novos ângulos. [...] cheguei a pensar que a revisão dos anos 1915 tinha como eixo o conceito de 1914”. Seguindo este caminho apontado por Miguelez (*idem*) seguimos a elaboração do texto apresentando a formalização conceitual do narcisismo em 1914 para, a partir daí, extrair as consequências deste caminho empreendido por Freud no que viria a ser a metapsicologia a partir dos anos 1915 em diante. O texto de 1914 abre com uma

interrogação de Freud: Afinal, o narcisismo seria uma perversão? Se tomarmos a perversão da sexualidade infantil, presente nos ‘Três ensaios...’, então poderíamos pensar que Freud defenderia o narcisismo a partir desse conceito, afinal defender este ponto traria coerência com o que Freud desenvolvera até então. A teoria da sexualidade infantil, de 1905, poderia continuar explicando a contento os processos psíquicos dos neuróticos. No entanto, o conceito de narcisismo vai articular, inicialmente sem o recurso da dualidade pulsional que só seria elaborado em 1920, o desenvolvimento libidinal na direção do objeto externo: “autoerotismo, narcisismo e escolha de objeto. Essa sequência de momentos é anterior à que hoje nos parece mais familiar: oral, anal, fálica e genital” (MIGUELEZ, 2007, p. 86). Passemos, então, a algumas considerações sobre a formalização do conceito de narcisismo na obra freudiana.

2.1 A formalização conceitual do narcisismo em 1914

A investigação sobre o tema do narcisismo em Freud nos leva ao período de colaboração com Carl Jung, psiquiatra suíço. Como sabemos, a história entre Freud e Jung está recheada de afeto. Inicialmente, Jung escreve a Freud, em 1906, para tentar dar conta de compreender os quadros psicóticos no hospital Burghölzli. Os anos de correspondência e colaboração com Jung foram determinantes para que Freud se aproximasse mais do tema da psicose. No entanto, essa colaboração é interrompida entre 1912 e 1913, mas não deixa de ser profícua para o tema em questão: muito do texto de 1914, ‘Introdução ao narcisismo’, é refutação e confronto às ideias junguianas, que culmina com a formalização do narcisismo na teoria freudiana (MIGUELEZ, 2007).

Jung via na psicose o que denominava, na época, como “[...] neurose de introversão” (MIGUELEZ, 2007, p. 83). Esse conceito de introversão, para Jung, viria, nos próximos anos, desembocar em sua obra ‘A Energia Psíquica’, onde passaria a se referir aos movimentos da energia psíquica: introvertendo ou extrovertendo. A contestação junguiana gira em torno do conceito de libido: Jung aproxima o conceito de libido em Freud ao conceito de vontade de Schopenhauer, mas, ao fazer isso, coloca em xeque o papel da libido na causação dos padecimentos psíquicos (MIGUELEZ, 2007, p. 84). Seria o caráter sexual da

neurose, e, por extensão, da psicose, que é defendida na teoria freudiana. Quando Freud se refere à regressão libidinal na psicose, defende que essa regressão é ao narcisismo, aqui já entendido como uma fase do desenvolvimento da sexualidade. Dessa forma, Freud vai defender que, mesmo na psicose, a perda da realidade se deveria a um fator de disfunção sexual. Jung vai discordar: para ele, a psicose só poderia ser entendida a partir do conteúdo mitológico, em que pese o fato do mito portar as chaves interpretativas para os fenômenos psicóticos observáveis na época. E o mito, na visão de Jung, nada teria de sexual, pelo menos à princípio. A disputa entre os dois culmina na interrupção da colaboração entre ambos, pois Jung teria interpretado a teoria do narcisismo em Freud como uma elaboração do monismo pulsional. Afinal, para Jung a libido é uma só, enquanto Freud defende a dualidade dos processos e da estrutura do psiquismo, tornando o processo de colaboração entre ambos cheio de tensões. Muitos hiatos ainda estão presentes na história entre os dois, no entanto, pesa o fato de que as trocas entre ambos fazem a psicanálise avançar: agora Freud estava pronto para formalizar, oficialmente, o conceito de narcisismo.

No início deste texto, Freud (1914) coloca a motivação que o teria feito investigar com mais afinco esse fenômeno que, já de antemão no texto, chama de narcisismo primário e normal: a demência precoce e a esquizofrenia. A preocupação, neste momento, se trata de elaborar estes quadros a partir da teoria da libido. Para Freud (1914, p. 46-47) estes pacientes teriam duas marcas fundamentais: “[...] megalomania e desvios de seu interesse do mundo externo – de pessoas e coisas. Em consequência da segunda modificação, tornam-se inacessíveis à influência da psicanálise e não podem ser curados por nossos esforços”. Chama a atenção que Freud tenha tentado elaborar, neste texto, a esquizofrenia sob a égide desta compreensão de narcisismo, haja vista que o fenômeno da fragmentação não é citado nessa passagem.

Apesar disso, Freud já coloca uma certa distinção entre o conceito de introversão da libido entre sua teoria e a teoria junguiana. Ao que parece, Freud se preocupa em caracterizar melhor o que está chamando de ‘perda de realidade’, ou ‘afastamento’ da realidade, nas parafrenias.

Diz Freud (*idem*, p. 47):

Mas o afastamento do parafrênico do mundo externo necessita ser mais precisamente caracterizado. Um paciente que sofre de histeria ou de neurose obsessiva, enquanto sua doença persiste, também desiste de sua relação com a realidade. Mas a análise demonstra que ele de modo algum corta suas relações eróticas com as pessoas e as coisas. Ainda as retém na fantasia, isto é, ele substitui, por um lado, os objetos imaginários de sua memória por objetos reais, ou mistura os primeiros com os segundos, e, por outro, renuncia à iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados aqueles objetos. Essa é a única condição da libido a que podemos legitimamente aplicar o termo 'introversão' da libido, empregado por Jung indiscriminadamente. Com o parafrênico a situação é diferente. Ele parece realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando realmente as substitui, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta a objetos.

Quando Freud se questiona o que parece acontecer com a libido que foi afastada dos objetos na esquizofrenia defende que a megalomania aponta os indícios necessários para a compreensão, ao afirmar que esta surge às custas da libido que deveria estar disponível para os objetos do mundo externo. Neste momento, Freud argumenta que a libido objetal agora seria dirigida para o próprio ego do sujeito, denunciando o que poderia ser entendido como uma atitude narcísica. Mas a megalomania não deveria ser compreendida como uma atitude inédita, mas, antes, deveria se apoiar em algo que já existiria previamente, ampliando o que antes deveria ser um momento no desenvolvimento sexual: o narcisismo.

Freud evoca o que é conhecido como narcisismo primário, evocando também outros processos psíquicos: recalque, processo primário, identificação, etc. Percebemos a preocupação freudiana com as origens do aparelho psíquico, em que o narcisismo parece operar como um resultado. Assim, o narcisismo primário é suposição de Freud acerca de um momento em que toda libido infantil está disponibilizada para o eu. Dessa forma, um narcisismo secundário se configuraria como a tentativa de retornar parte dessa libido, agora investida nos objetos do mundo externo, ao próprio eu. "O narcisismo secundário nasce pela

retirada das investidas de objeto, embora seja edificado sobre a base de um outro primário” (MIGUELEZ, 2007, p. 87).

Assim, de acordo com Miguelez (2007), o narcisismo defendido na clínica das psicoses, para Freud, seria sempre o narcisismo secundário, isto é, este momento em que se faz necessário desinvestir a libido da realidade para retorná-la a si mesmo. Como veremos adiante, isso terá consequências para pensar o luto, a melancolia e o próprio processo pulsional.

Desta linha de raciocínio Freud vai sustentar a oposição entre a libido do ego e a libido objetual. Miguelez (2007) argumenta que o tema pulsional corre riscos neste texto, em especial pelo motivo das pulsões do eu e as pulsões de autoconservação parecerem não ter nenhuma diferenciação. Nas palavras de Freud (1914, p. 48)

Também vemos, em linhas gerais, uma antítese entre a libido do ego e a libido objetual. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. A libido objetual atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetual, ao passo que temos a condição oposta na fantasia do paranoico (ou autopercepção) do ‘fim do mundo’. Finalmente, no tocante à diferenciação das energias psíquicas, somos levados à conclusão de que, para começar, durante o estado de narcisismo, elas existem em conjunto, sendo nossa análise demasiadamente tosca para estabelecer uma distinção entre elas. Somente quando há catexia objetual é que é possível discriminar uma energia sexual - a libido - de uma energia dos instintos do ego.

Claro: a leitura junguiana, no momento, parecia fazer mesmo muito sentido acerca do monismo pulsional. Os exemplos que Freud (idem, p. 51-52) dá na segunda seção do texto não ajudam muito a diferenciar a libido do ego e a libido objetual:

- 1) os males corpóreos retiram o interesse do sujeito pela realidade, e sua recuperação tende a trazer de volta o caminho libidinal rumo a realidade;
- 2) o sono seria mais um exemplo do quanto a libido pode ser retirada da realidade e investida no eu.

Em ambos os casos, a introversão da libido torna ambas indistinguíveis, somente sendo distinguíveis novamente por ocasião da investida em objetos externos.

De fato, apenas em 1920, em 'Além do princípio do prazer', Freud seria capaz de dar uma explicação menos forçada para este tema, elaborando a dualidade pulsional final entre as pulsões de vida (agora englobando tanto as pulsões do ego quanto as pulsões de autoconservação), percebidas a partir dos laços e ligações que o sujeito estabelece consigo e com os objetos da cultura, e, em constante luta contra estas, as pulsões de morte, percebidas pelo rastro de desligamento e agressividade do sujeito em relação ao próprio eu e aos objetos externos. Trataremos mais disso nos tópicos seguintes.

Freud se pergunta o motivo de, no caso da hipocondria e outros processos de introversão da libido, o represamento libidinal no ego ser sentido como desagradável. Aqui ele irá lançar mão do olhar econômico sobre o aparelho psíquico para justificar sua resposta. Afirmando que o desprazer seria decorrente de um aumento tensional oriundo de estímulos não-descarregados a contento pelo aparelho psíquico, Freud (1914, p. 53) diz:

Aqui podemos até mesmo aventurar-nos a abordar a questão de saber o que torna absolutamente necessário para a nossa vida mental ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos. A resposta decorrente de nossa linha de raciocínio mais uma vez seria a de que essa necessidade surge quando a catexia do ego com a libido excede certa quantidade. Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar.

Manter toda libido, se isto for possível, represada no próprio eu seria algo próximo à sensação de morte, em que pese, nas palavras de Freud, ser a ligação libidinal aos objetos da realidade externa, na forma de amor, que parece efetuar a proteção mais efetiva contra o adoecimento. Em outras palavras, a passagem da libido do ego para a libido objetual, para além de uma defesa contra os padecimentos, se trata de produzir sentido para permanecermos vivos. O amor,

então, parece cumprir uma função vital que seria a própria manutenção da vida (GREEN, 1988).

Assim Freud passa a investigar neste texto a vida erótica dos seres humanos para continuar a formalizar o conceito de narcisismo. Neste caminho, Freud (1914, p. 54) diz que ao observar crianças de tenra idade “o que primeiro notamos foi que elas derivaram seus objetos sexuais das primeiras experiências de satisfação”. Ali Freud retoma alguns argumentos já presentes nos ‘Três Ensaio...’, tais como: autoerotismo, prazer apoiado nas funções biológicas, pulsões sexuais indiferenciadas das pulsões do eu. No entanto, importa agora discriminar as diferenças entre o autoerotismo e o narcisismo.

O autoerotismo, agora já compreendido como uma fase do desenvolvimento sexual, diferencia-se, na visão de Miguelez (2007, p. 86) a partir do seguinte ponto:

A presença do ‘eu’, objeto da investidura libidinal, unidade inexistente nos começos da vida, vai ser postulada como o elemento de diferenciação. O narcisismo constitui-se solidário com o estabelecimento do ‘eu’. O eu é a ‘nova ação psíquica’ que deve acrescentar-se ao autoerotismo para formar o narcisismo.

Neste sentido, a tomada do eu (*ego* em latim) para esse momento autoerótico é o que fornece o indício necessário para a diferenciação entre autoerotismo e narcisismo. Enquanto o autoerotismo é solidário com a noção de tempo, uma fase do desenvolvimento sexual, o narcisismo surge no momento em que a estrutura egóica do infante une-se a esse tempo autoerótico, ou, em outras palavras, podemos dizer que o narcisismo seria a tomada do próprio eu pela dinâmica libidinal autoerótica.

Freud usa a expressão “Sua Majestade, o bebê” para se referir ao relacionamento entre os pais e filhos e a questão narcísica. Com efeito, o intenso cuidado dirigido ao infante, associado às projeções que nele são depositadas desde antes do nascimento, fez Freud pensar que os próprios pais revisitariam seu narcisismo infantil na presença dos filhos. Afinal, de acordo com Freud (1914, p. 57), a carga amorosa dos pais “[...] tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocadamente revela sua natureza anterior”. Esse tema das relações objetais,

onde o sujeito demanda amor por objetos do mundo, é um dos temas mais interessantes na questão do narcisismo. Inclusive, é uma das justificativas para que Freud formalize a questão do narcisismo em sua teoria. Afinal, a vida amorosa demanda escolhas de objetos para amar, e, de acordo com Freud, as escolhas objetais seriam a última fase do desenvolvimento da libido, mas, no entanto, demandar amor para um outro não necessariamente significa abandonar a posição narcísica.

A noção de escolha vai, em 1914, fazer com Freud defina as escolhas possíveis que o sujeito pode realizar em sua vida madura: as escolhas anaclíticas (baseada na noção de apoio) e as escolhas do tipo narcísica. Sobre isto, vale ressaltar que a noção de apoio refere-se aos objetos amorosos que apoiaram a vida na infância, isto é: o pai que protegeu e a mãe que nutriu¹⁰. Este apoio vivido na infância faz com que as figuras familiares sejam tomadas como objetos sexuais pela criança. Logo, procuraríamos no seio da cultura objetos que nos fariam visitar o seio de nossa mãe e a proteção de nosso pai. Estes objetos, e pessoas, seriam por nós tomados como objetos de amor. No entanto, Freud (*idem*, p. 55) também dirá que existem escolhas de objetos que não se fazem pela noção de apoio, mas de forma narcísica.

[...] a pesquisa em psicanálise revelou um segundo tipo, que não estávamos preparados para encontrar. Descobrimos que certas pessoas, marcadamente aquelas nas quais o desenvolvimento libidinal experimentou uma perturbação (como é o caso de perversos e homossexuais), não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo de sua mãe, senão o de sua própria pessoa. Procuram inequivocamente a si mesmas como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetual que deve ser denominado 'narcisista'.

Assim, podemos pensar que as escolhas narcísicas envolvem as escolhas baseadas no que se é, no que se gostaria de ser, ou quando escolhemos alguém que já fez parte de nós mesmos. No entanto, Freud adverte para o fato de que não

¹⁰ Sabemos que a organização familiar no contemporâneo demanda novos arranjos em que, nem sempre, há a figura paterna e a materna desempenhando papéis determinados. Neste trabalho, apresentamos arranjos familiares compostos por pessoas que protegem e nutrem a criança, estando habilitados a desempenhar a noção de apoio aqui trabalhada.

deveríamos diferenciar a humanidade em dois grupos completamente distintos em que em um grupo encontraríamos pessoas que fazem suas escolhas de forma anaclítica e, do outro lado, um grupo de pessoas que escolhe seus objetos de forma narcísica, mas, ao contrário, “[...] presumimos que ambos os tipos de escolha objetual estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa mostrar preferência por um ou por outro” (FREUD, 1914, p. 55).

Uma polêmica neste texto, que não pretendemos dar conta neste trabalho, refere-se à diferenciação entre as escolhas objetuais de homens e de mulheres. Freud diz que as escolhas por apoio (anaclíticas) seriam características da masculinidade e as escolhas do tipo narcísico marcariam a experiência da feminilidade. Por mais polêmico que seja o tema, vamos nos furtar a esta discussão pela impossibilidade de travá-la agora.

Assim, Freud (*idem*, p. 56, *negrito nosso*) resume o esquema das escolhas objetuais da seguinte forma:

Uma pessoa pode amar:

(1) Em conformidade com o tipo narcisista:

- (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma);
- (b) o que ela própria foi;
- (c) o que ela própria gostaria de ser;
- (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.

(2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):

- (a) a mulher que a alimenta;
- (b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar.

Em 1915, em ‘A pulsão e seus destinos’, Freud dirá que existem quatro destinos básicos para as pulsões: o recalque, a sublimação, o retorno sobre o próprio eu e a reversão em seu oposto. Sabemos que o recalque é destino da libido objetual, haja visto o recalque originário do amor aos pais ser fundante do próprio psiquismo. No entanto, a libido do eu poderia ser recalçada?

A resposta de Freud não é conclusiva neste texto, mas, ali, vai dizer que “Para o eu, a formação de um ideal seria o fator condicionante do recalque”

(FREUD, 1914, p. 58). Logo, se o ideal forma-se a partir de um condicionante de recalcamiento podemos pensar que seria “[...] a renúncia à onipotência narcísica que possibilita a construção do ideal” (ROCHA, 2012, p. 74). Assim, Freud caminha na afirmação de que o narcisismo performa um papel importante na constituição desse ideal: “O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido na sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (*idem*, p. 58-59). Assim, o ideal do eu seria um modo de nunca abandonar o narcisismo completamente, pois essa porção do eu sempre lembraria ao sujeito aquilo que ele gostaria (ou deveria) ser em sua plenitude. No texto, Freud parece usar como sinônimos os conceitos de Eu ideal e Ideal de eu, e esta confusão conceitual seria resolvida apenas pelos pós-freudianos.

Em 1914 Freud ainda não havia introduzido formalmente a segunda tópica de divisão do aparelho psíquico: Isso, Eu e Supereu. No entanto, chama a atenção que, já neste texto, Freud especula o que, em 1923, formalizaria como Supereu e suas relações com o que chama de ideal.

Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcísica proveniente do ideal do ego, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal. [...] O reconhecimento desse agente nos permite compreender os chamados ‘delírios de sermos notados’ ou, mais corretamente, de sermos vigiados, que constituem sintomas tão marcantes nas doenças paranoídes, podendo também ocorrer como uma forma isolada de doença, ou intercalados numa neurose de transferência (FREUD, 1914, p. 59).

Apenas não percamos de vista o que Rocha (2012, p. 73) chama a atenção: haveria uma certa equivalência entre o Supereu e o ideal, no entanto, enquanto o ideal se movimenta na direção de reunir-se novamente com o objeto primário (incestuoso), “[...] o superego trabalha para que o eu se vire na direção oposta na medida em que, como instância psíquica, encarna a função de impedir o incesto”. Se, como Freud afirmará em 1923, o Supereu é herdeiro do complexo de Édipo, o ideal de eu seria, então, herdeiro do narcisismo primário.

O trecho abaixo nos faz pensar no ideal de Eu enquanto um fenômeno observável na cultura. Abordaremos isso melhor no capítulo 3 deste trabalho.

O ideal do ego desvenda um importante panorama para a compreensão da psicologia de grupo. Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação. Ele vincula não somente a libido narcisista de uma pessoa, mas também uma quantidade considerável de sua libido homossexual, que dessa forma retorna ao ego. A falta de satisfação que brota da não realização desse ideal libera a libido homossexual, sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social). Originalmente esse sentimento de culpa era o temor de punição pelos pais, ou, mais corretamente, o medo de perder o seu amor; mais tarde, os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas. A frequente causação da paranoia por um dano ao ego, por uma frustração da satisfação dentro da esfera do ideal do ego, é tornada assim mais inteligível, bem como a convergência da formação do ideal e da sublimação no ideal do ego, e ainda a involução das sublimações e a possível transformação de ideais em perturbações parafrênicas (FREUD, 1914, p. 63-64).

Assim, compreendendo a formação de um eu ideal e um ideal de eu a partir do conceito de narcisismo, passemos às considerações sobre o narcisismo na metapsicologia freudiana.

2.2 Narcisismo e os destinos da pulsão

O texto de 1915, “As pulsões e seus destinos”, reúne uma grande organização de Freud acerca de um dos conceitos fundamentais da psicanálise: a pulsão! Neste texto, Freud (1915, p. 25) irá definir a pulsão como “[...] um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal”. Logo, a pulsão não corresponderia ao instinto puramente biológico e herdado, em que pese Freud se referir a ela como uma espécie de ‘necessidade’. Existe uma diferença fundamental entre comer para saciar um estímulo físico que demanda a nutrição das funções biológicas do organismo e comer algo específico para sanar uma vontade, uma ‘necessidade’, de algo que não é exatamente nutritivo, ou não está presente na alimentação apenas com o intuito de satisfazer o corpo, mas o paladar! Nesse caminho, Freud trará as quatro características essenciais da pulsão:

- 1) **Pressão:** “[...] entende-se seu fator motor, a soma de força ou medida de exigência de trabalho que ela representa” (FREUD, 1915, p. 25);
- 2) **Meta:** “[...] é sempre a satisfação, que só pode ser alcançada pela suspensão de um estado de estimulação junto à fonte pulsional (*idem*);
- 3) **Objeto:** “[...] é aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar sua meta. É o que há de mais variável na pulsão” (*idem*);
- 4) **Fonte:** “[...] entende-se todo processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão” (*idem*, p. 27).

Essas considerações acerca do tema pulsional permanecerão até o fim da obra freudiana. O texto ainda apresenta a oposição inicial entre pulsões do eu/ pulsões de autoconservação *versus* pulsões sexuais, mas, em 1920, esta oposição chegará à dualidade final: pulsão de vida e pulsão de morte.

No entanto, há uma preocupação de Freud neste texto: que destinos as pulsões podem apresentar? A princípio, Freud (*idem*, p. 35) vai citar quatro destinos possíveis para as pulsões:

- 1) **A reversão em seu contrário;**
- 2) **O retorno em direção à própria pessoa;**
- 3) **O recalque;**
- 4) **A sublimação.**

Neste texto Freud não trata dos últimos dois destinos que cogita como possibilidades da pulsão. Justifica sua decisão dizendo que não pensou em tratar da sublimação¹¹ e que o recalque seria melhor trabalhado em trabalhos futuros¹². Resta, então, pensar nos primeiros dois destinos que ele elenca. A escolha parece se sustentar cronologicamente, pois no ano anterior Freud teria organizado e formalizado o conceito de narcisismo em sua obra e, ao que pese, “[...] o retorno em direção ao próprio eu e a reversão da atividade em passividade dependem da

¹¹ A sublimação é descrita por Freud como a defesa mais nobre, em 1920, e profundamente associada à atuação de Eros, a pulsão de vida. Em ‘Além do princípio do Prazer’ o argumento é que devemos os avanços civilizatórios ao mecanismo da sublimação. Esse conceito é formulado pela primeira vez em 1905 e sofrerá inúmeras modificações, tanto em função dos textos metapsicológicos, como da segunda tópica.

¹² De fato, ainda em 1915, publica um texto intitulado como “O Recalque” na coletânea chamada de textos metapsicológicos.

organização narcísica do eu e trazem consigo a marca distintiva dessa fase” (FREUD, 1915, p. 47). De fato, os primeiros dois destinos ajudam Freud a permanecer com sua argumentação acerca da libido do eu e a libido objetal, onde a reversão em seu contrário poderia ser pensada como uma forma da libido permanecer ligada a um objeto (via amor-ódio), e o retorno em direção ao próprio eu poderia ser visto como uma introversão da libido. Como já mencionamos, apenas em 1920 Freud proporia outra dualidade pulsional.

Segundo Miguelez (2007, p. 100), “Na análise das pulsões parciais perversas (voyerismo, exibicionismo, sadismo, masoquismo), “a oposição eu/objeto é amplamente explorada” por Freud. No que concerne ao retorno sobre a própria pessoa, Freud argumenta que podemos compreender que o sadismo seria um masoquismo voltado contra o próprio eu e que, igualmente, o exibicionismo seria também a capacidade de olhar o próprio corpo (ou partes dele). “O essencial nesse processo é, portanto, a troca de objeto com a invariância de meta” (FREUD, 1915, p. 37). Logo, por mais que objetos sejam trocados nesses pares de opostos pulsionais, a meta sempre permanece a mesma: obter satisfação! Assim, segue com o esquema do par sadismo-masoquismo¹³:

- a) O sadismo consiste em atividade de violência, dominação sobre outra pessoa como objeto;
- b) Tal objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com retorno em direção à própria pessoa, também se realiza a transformação da meta ativa da pulsão em meta passiva;
- c) Novamente, outra pessoa é procurada como objeto, a qual, em decorrência da transformação da meta ocorrida, terá que assumir o papel de sujeito (*idem*, p. 37).

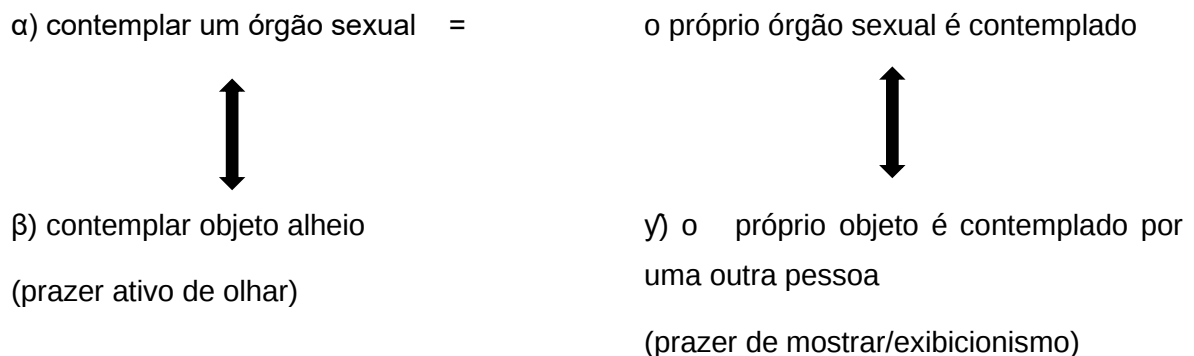
E, dessa forma, segue com o esquema do par olhar-ser visto ou, como conhecido na linguagem das perversões, voyer-exibicionista:

- a) O olhar como atividade, dirigido a um objeto alheio;
- b) O abandono do objeto, o retorno da pulsão de olhar para uma parte do próprio corpo, e com isso a reversão para a passividade e a designação da nova meta: ser contemplado;

¹³ Esse esquema será revisto em 1920, quando Freud apresentará o masoquismo originário, ao invés do sadismo, argumentando acerca da força da pulsão de morte que deseja nos fazer retornar a um estado anterior ao surgimento da consciência, um estado inorgânico. Por hora, trabalhem com o esquema de Freud nesse período.

- c) A introdução de um novo sujeito, a quem a pessoa se mostra, no intuito de ser observada por ela (*idem*, p. 41).

Freud apenas faz um adendo no comparativo entre os dois pares, dizendo que haveria, no caso do par voyeurismo-exibicionismo, uma fase anterior à fase 'a' do esquema. Isso se deve ao fato da pulsão de olhar ser autoerótica nos primeiros estágios de desenvolvimento da sexualidade, ou seja, mesmo com um objeto ela se encontra no próprio corpo. Apenas em fases posteriores esse objeto autoerótico, o próprio corpo, será trocado por um objeto equivalente no corpo alheio. Assim, anteriormente à fase 'a' do esquema acima, Freud (*idem*, p. 43) diz que existiriam dois pares opostos, resultantes dessa pulsão de olhar autoerótica:



Após apresentar esse último esquema, Freud nos faz entender o motivo desses primeiros destinos pulsionais serem, de fato, dependentes da organização narcísica do eu, evocando novamente a distinção entre autoerotismo e narcisismo e argumentando que:

Temos que dizer, quanto à fase preliminar da pulsão de olhar, na qual o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto, que ela pertence ao narcisismo, que seria uma formação narcísica. Dessa fase se desenvolveria a pulsão ativa de olhar, à medida que se abandona o narcisismo, ainda que a pulsão ativa de olhar conserve o objeto narcísico. Do mesmo modo, a transformação do sadismo em masoquismo significaria um retorno ao objeto narcísico, enquanto em ambos os casos o sujeito narcísico é trocado, através da identificação, por um outro Eu (*idem*, p. 45-47).

Nesse caminho, Miguelez (2007, p. 100-101) irá dizer que:

Uma sequência de eus é postulada e articulada com as três polaridades que governam a vida anímica: sujeito (eu) x objeto; prazer x desprazer; ativo x passivo. É de salientar que o termo 'sujeito' faz nesse texto uma das poucas aparições no percurso da obra de Freud e equipara-se ao eu. O primeiro eu é qualificado como 'eu realidade', capaz de distinguir interno de externo mediante ação muscular. A ele se segue o 'eu-prazer purificado', produto da projeção ao exterior do desprazível, e da incorporação do prazeroso no interior. Constitui o momento narcisista por excelência. Só depois o eu fará oposição ao objeto, e prazer e desprazer significarão relações do eu com os objetos. Essa sequência mostra-se reveladora.

Essa trilogia de eus, aportada como momentos de desenvolvimento do aparelho psíquico, não encontram eco nas publicações futuras de Freud. No entanto, será em 1920, em 'Além do princípio do prazer', com a introdução do fenômeno da compulsão à repetição, que Freud dará conta de explicar a relação do ódio com a pulsão de morte, mas, ainda em 1915, o ódio seria explicado via noção do narcisismo. Para Freud (1915, p. 49)

A transformação da pulsão em seu oposto é observada em apenas um caso: na conversão do amor em ódio. [...] Conforme o objeto ou o sujeito sejam trocados por outro, manifesta-se a aspiração da meta ativa de amar ou da meta passiva de ser amado, das quais a segunda se aproxima mais do narcisismo.

Freud apresenta três polaridades do amar:

- 1) **Amor x Ódio:** Aqui Freud sustenta que este exemplo seria a maior prova do fenômeno da ambivalência no psiquismo, haja vista que a conversão de amor em ódio, geralmente, se dá na direção do mesmo objeto;
- 2) **Amar x Ser amado:** nesta forma observamos o fenômeno da conversão de atividade em passividade, bem como poderíamos pensar em amar a outro e amar a si mesmo, este último como traço fundamental do narcisismo;
- 3) **Amar e Odiar x Indiferença:** Aqui temos apenas a citação de que o amor e o ódio poderiam ser capturados por um estado de indiferença, mas Freud não elabora pormenores, deixando margem às interpretações.

2.3 Narcisismo e Melancolia

As reflexões que Freud empreende no período dos textos metapsicológicos, de 1914 a 1917, desemboca na elaboração da obra final desse período, intitulada como “Luto e Melancolia”, de 1917. A formalização conceitual do narcisismo, em 1914, abre as portas para que Freud empreenda algumas elaborações conceituais até então obscurecidas na teoria psicanalítica: o princípio da realidade, com sua impiedosa atuação, coloca severos limites para a plena satisfação do infante, mas isso passa a uma posição secundária frente à perda do narcisismo primário. E as reflexões sobre o narcisismo serão fundamentais, e bastante amadurecidas, na obra final dos textos metapsicológicos. “A paixão por ‘voltar a ser seu próprio ideal mais uma vez’ será mais decisiva para a escolha de neurose que conclui a travessia edípica do que a frustração do impulso sexual propriamente dito, em relação à mãe” (KEHL, 2013, p. 14). De fato, Luto e Melancolia parece, segundo KEHL (*idem*, p. 13), trazer um amadurecimento sobre a questão narcísica, em que pese

A falha na constituição do narcisismo primário estabelece uma distinção entre a “neurose narcísica” da melancolia e o sofrimento que caracteriza o trabalho de luto. O trabalho psíquico empreendido pelo enlutado, embora empobreça o ego e torne o sujeito inapetente para quaisquer outros investimentos libidinais, pode ser considerado um trabalho da ordem da saúde psíquica. É um trabalho de paulatino desligamento da libido em relação ao objeto de prazer e satisfação narcísica que o ego perdeu, por morte ou abandono. Ter sido arrancado de uma porção de coisas sem sair do lugar: eis uma descrição precisa e pungente do estado psíquico do enlutado. A perda de um ser amado não é apenas perda do objeto, é também a perda do lugar que o sobrevivente ocupava junto ao morto.

Elaborar o luto é tarefa psíquica que não se caracteriza como patológica, na medida em que o Eu necessita de um trabalho para retirar seu investimento libidinal do objeto perdido para se tornar, novamente, livre e desimpedido para alçar novos investimentos em objetos da realidade. No entanto, Freud (1917) percebe que parece haver um quadro psicológico em que o trabalho do luto não se efetiva, a que chama de melancolia.

Freud (1917, p. 28) diz que “O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria,

liberdade, ideal, etc". Está enlutado aquele ou aquela que percebe a perda de um objeto da realidade, isto é, o processo de luto se caracterizaria a partir da identificação de um objeto que já não está mais disponível para os investimentos da libido. Freud diz, neste texto, que se trata de um processo normal, sem necessidade de encaminhamento para tratamento médico intensivo e que devemos confiar que o sujeito será capaz de dar conta de superar este luto com o tempo, embora este estado de espírito seja profundamente prejudicial à vida e aos afazeres cotidianos. Em contrapartida, Freud (*idem*, **negrito nosso**) aproxima o estado do luto do quadro melancólico, dizendo que

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecreimações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. Esse quadro se aproximará mais de nossa compreensão se considerarmos que o luto revela os mesmos traços, exceto um: falta nele **a perturbação do sentimento de autoestima**. No resto é a mesma coisa.

Essa diferença fundamental entre o luto e a melancolia é de total importância e tem no narcisismo sua fundamentação. O argumento de Freud é que no luto o mundo, ou a realidade exterior, torna-se vazia de sentido, mas, ao contrário, na melancolia seria o próprio eu do sujeito que estaria empobrecido e vazio. Mas que poderia acontecer para que o eu ficasse esvaziado de sentido e empobrecido a tal ponto que restassem apenas autoataques e autoacusações tão severas dirigidas a si mesmos, no caso dos melancólicos? Segundo Freud (*idem*, p. 32, **negrito nosso**),

Houve uma escolha de objeto, uma ligação da libido a uma pessoa determinada; graças à influência de uma ofensa real ou decepção por parte da pessoa amada, essa relação de objeto ficou abalada. O resultado não foi o normal, uma retirada da libido desse objeto e o seu deslocamento para um novo, mas foi outro, que parece requerer várias condições para sua consecução. O investimento de objeto provou ser pouco resistente, foi suspenso, mas a libido livre não se deslocou para um outro objeto, e sim se retirou para o ego. Lá, contudo, ela não encontrou um uso qualquer, mas serviu para produzir uma identificação do ego com o objeto abandonado. Desse modo, **a sombra do objeto caiu sobre o ego**, que então pôde ser julgado por uma determinada instância como um objeto, como o objeto abandonado. Assim, **a perda do objeto se transformou em**

perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação.

A identificação do melancólico com o objeto perdido nos faz pensar nas escolhas objetais. Ao que parece, “[...] se no lugar do abandono do objeto surge a identificação é porque o objeto foi escolhido sob a égide do narcisismo” (MIGUELEZ, 2007, p. 118). Toda destrutividade dirigida ao eu na melancolia se trata, na análise de Freud, dos resquícios assimilados pelo eu das relações que o eu mantivera com o objeto.

Há um narcisismo do luto, da perda, e um outro das psicoses. No luto, há um eu que suporta a perda do objeto. Aquilo a que assistimos nas chamadas psicoses maníaco-depressivas é a falta de suporte que permite elaborar a perda. O sujeito é pura perda e, portanto, não há perda possível, não há espaço psíquico para elaborar. Os delírios de ruína, tão comuns nesses quadros, exprimem a ruína do eu que, reduzido ao nada, é incapaz de desejar (*idem*, p. 121).

Esse tema da agressividade seria bem trabalhado por Freud em 1920, em ‘Além do Princípio do Prazer’. De fato, o primeiro dualismo pulsional, tão acirradamente defendido por Freud em 1915, começa a exigir novas elaborações com a formalização do conceito de narcisismo. O dualismo pulsional anteriormente defendido, pulsões do eu-autoconservação e pulsões sexuais, ficarão agora sob o domínio das pulsões de vida, ou, como também conhecidas, Eros¹⁴. No entanto, Freud não estava disposto a concordar com o monismo junguiano, em que pese afirmar, neste texto, que

Desde o princípio nossa concepção era dualista, e hoje é mais claramente dualista do que antes, desde que não mais denominamos os opostos instintos¹⁵ do Eu e instintos sexuais, mas instintos de vida e instintos de morte (FREUD, 1920, p. 224).

¹⁴ Freud se refere a um Eros de períodos anteriores à versão em que é filho de Afrodite. Haveria uma lenda de que Eros seria, na verdade, uma divindade da criação, organizador do caos, que une e mantém coeso tudo que há no mundo. Retira essa informação do discurso de Agatão, presente no Banquete, de Platão. De toda forma, o Eros filho de Afrodite também cumpre o papel de ligação, função essencial das pulsões de vida, via amor.

¹⁵ A tradução de *Trieb*, nesta edição da Cia das Letras, ainda insiste no vocábulo ‘instinto’, e não pulsão. De toda forma, operamos nesta citação com o conceito de pulsão, por se tratar de uma tradução mais apropriada para nosso idioma.

Como assinala Miguelez (2007), o dualismo pulsional de 1920 não altera substancialmente a concepção de narcisismo, sendo a pulsão de morte que necessitaria de maior elaboração devido às consequências teóricas que introduz na psicanálise freudiana. “É em função da pulsão de morte que revisa sua concepção do sadismo e do masoquismo, postulando a existência de um masoquismo primário” (*idem*, p. 145). Importa, como demonstra Miguelez (*idem*) salientar que as vozes da existência derivam de Eros, em contraposição as pulsões de morte que seriam silenciosas, mas mortíferas. As tensões agressivas que eram explicadas a partir do sadismo originário e de conflitos narcísicos, agora serão revistas a partir da destrutividade das pulsões de morte.

O ódio ao objeto, “mais primitivo que o amor” – como fora apontado na metapsicologia –, inicialmente derivado da necessidade de livrar o eu do desprazer, ou seja, de preservar o amor ao eu, seu narcisismo, vai aos poucos sendo visto como oriundo das tendências mortíferas, embora nunca equiparada a elas (*idem*).

Nesta linha de raciocínio podemos compreender porque algumas considerações sobre o suicídio, a ruína do eu, ganham contornos intensos a partir da virada de 1920: mais do que querer matar a si mesmo, o suicídio pode ser pensado a partir do “[...] desejo de não desejar, paradigma da pulsão de morte, abrindo caminho para um “suicídio branco”, um deixar-se morrer [...]” (*idem*, p. 121). Assim, passemos a algumas considerações sobre o narcisismo na segunda tópica de 1923.

2.4 Narcisismo na 2ª tópica

O texto de 1923, ‘O Eu e o Isso’, apresenta uma nova divisão do aparelho psíquico: Eu, Isso e Supereu – ou *Ego*, *Id* e *Superego*, conforme o latim. Chama a atenção o fato de Freud, neste trabalho, ter definido o Isso como o reservatório da libido.

Agora que fizemos distinção entre o ego e o id, temos de identificar este último como o grande reservatório da libido indicado em meu artigo sobre o narcisismo de 1914. A libido que flui para o ego devido às identificações acima descritas ocasiona o seu ‘narcisismo secundário’ (FREUD, 1923, p. 44).

Lembremos que Freud enfrentava, em 1914-15, críticas por sustentar uma diferenciação entre libido do eu e pulsão do eu, como assinala Miguelez (2007). Um dos pontos essenciais do conceito de narcisismo reside “[...] na ideia de o eu poder ser objeto da libido, ‘depositário’ e eventualmente um ‘administrador’” (*idem*, p. 140). Logo, como assinala Miguelez (*idem*), um dos problemas teóricos com relação ao narcisismo primário seria o fato de que “[...] se o encarregado de investir os objetos fosse o id, não caberia postular um primário investimento do eu. O eu só poderia receber libido vinda dos objetos secundariamente”. Aqui, a questão parece se complicar pelo fato de que as novas atribuições que Freud lega ao eu o fazem ser parte da estrutura consciente e inconsciente, simultaneamente, participando dos conflitos entre as instâncias psíquicas, não apenas como observador, mas também como agente.

É difícil dizer algo do comportamento da libido no id e no superego. Tudo o que sabemos sobre ela relaciona-se com o ego, no qual, a princípio, toda a cota disponível de libido é armazenada. Chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário. Ele perdura até o ego começar a catexizar as ideias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetual. **Durante toda a vida, o ego permanece sendo o grande reservatório**, do qual as catexias libidinais são enviadas aos objetos e para o qual elas são também mais uma vez recolhidas, exatamente como uma ameba se conduz com os seus pseudópodes. É somente quando uma pessoa se acha completamente apaixonada que a cota principal de libido é transferida para o objeto e este, até certo ponto, toma o lugar do ego. Uma característica da libido que é importante na vida é a sua mobilidade, a facilidade com que passa de um objeto para outro. Isto deve ser contrastado com a fixação da libido a objetos específicos, a qual frequentemente persiste durante toda a vida (FREUD, 1938, p. 95-96, *negrito nosso*).

Percebemos que o esquema fundamental de 1914, em ‘Introdução ao Narcisismo’, é mantido no texto de 1938. No entanto, uma nova formulação tópica em 1923 acaba por atribuir ao eu papéis e funções: por um lado, o eu se une com à percepção e à consciência; por outro, ao inconsciente, às defesas psíquicas e ao narcisismo. Assim, o eu funcionaria, neste esquema, a partir de pares funcionais com objetivos opostos, isto é, “[...] oposição às pulsões e satisfação das pulsões, *insight* e racionalização, conhecimento objetivo e deformação sistemática,

resistência e oposição às resistências” (LAGACHE *apud* MIGUELEZ, 2007, p. 142). Já no primeiro capítulo da primeira seção do ‘Esboço de Psicanálise’, de 1938, Freud busca dar conta da problemática entre *id* (isso), *ego* (eu) e *superego* (supereu), salientando as atribuições do Eu nas variadas tarefas que o psiquismo parece lhe outorgar. Diz Freud (1938, p. 93):

Uma ação por parte do ego é como deve ser se ela satisfaz simultaneamente as exigências do id, do superego e da realidade - o que equivale a dizer: se é capaz de conciliar as suas exigências umas com as outras. Os pormenores da relação entre o ego e o superego tornam-se completamente inteligíveis quando são remontados à atitude da criança para com os pais. [...] o superego, ao longo do desenvolvimento de um indivíduo, recebe contribuições de sucessores e substitutos posteriores aos pais, tais como professores e modelos, na vida pública, de ideais sociais admirados. Observar-se-á que, com toda a sua diferença fundamental, o id e o superego possuem algo comum: ambos representam as influências do passado - o id, a influência da hereditariedade; o superego, a influência, essencialmente, do que é retirado de outras pessoas, enquanto o ego é principalmente determinado pela própria experiência do indivíduo, isto é, por eventos acidentais e contemporâneos.

E Freud, mais adiante no texto, reitera a ação do eu diante dessas tarefas que o isso e a realidade externa constantemente colocam:

Assim, o ego combate em duas frentes: tem de defender sua existência contra um mundo externo que o ameaça com a aniquilação, assim como contra um mundo interno que lhe faz exigências excessivas. Ele adota os mesmos métodos de defesa contra ambos, mas a sua defesa contra o inimigo interno é particularmente inadequada. Em consequência de haver sido originalmente idêntico a este último inimigo e de ter vivido com ele, desde então, nos termos mais íntimos, o ego tem grande dificuldade de escapar aos perigos internos. Eles persistem como ameaças, mesmo que possam ser temporariamente subjugados (FREUD, 1938, p. 130).

Assim, conforme Miguelez (*idem*, p. 143) irá argumentar, concordamos com o fato de o Eu, na segunda tópica, constituir-se da

[...] coexistência de valores nem sempre facilmente conciliáveis. Por um lado, o eu coincide com o da primeira pessoa do singular

do pronome pessoal, sentido de que Freud se utiliza. Também é pensado como objeto da libido, constituindo-se como narcisismo. Transformado em instância do aparelho psíquico a partir de 1923, é o *médium* das exigências das outras instâncias psíquicas e da realidade, podendo cindir-se no cumprimento da tarefa, o que o coloca como sujeito e objeto da defesa.

Neste caminho, passemos a algumas considerações acerca do narcisismo em sua relação com o Ideal de eu e sua relação com a civilização-cultura.

Capítulo 3 – Narcisismo, Ideal de eu e Civilização-Cultura

Os textos investigados neste capítulo têm um caráter social-antropológico, na medida em que entendemos que o conceito de narcisismo abre possibilidades para se pensar, também, fenômenos culturais. Neste caminho, pretendemos responder nesta seção à última pergunta que origina este trabalho: em que medida os textos finais da obra freudiana, considerados como leituras psicanalíticas da realidade social e cultural, permitem considerações acerca do fenômeno do narcisismo na civilização? Logo, passemos a algumas considerações acerca do narcisismo, e a idealidade do eu, na civilização e cultura.

3.1 O narcisismo das pequenas diferenças

Começamos com algumas considerações acerca do texto, de 1917 (porém publicado em 1918), intitulado ‘O Tabu da Virgindade’, de Freud. Compõe a trilogia conhecida como ‘Contribuições à psicologia do amor’, em que o texto explorado figura como a terceira parte.

A investigação de Freud neste ensaio é a de tentar lançar luz na questão das origens do tabu acerca da virgindade da mulher, em que pese esse tabu ser imposto muito mais fortemente ao sexo feminino do que ao masculino, embora também aos homens sejam legadas, pela civilização, alguma dose de repressão sexual. Ali, investigando possíveis argumentos acerca da gênese desse tabu, Freud percorre algumas hipóteses, mas chama a atenção que sua defesa, afinal, coloque não

apenas a virgindade feminina como tabu mas a própria mulher¹⁶! Diz Freud (1917, p. 121, *negrito nosso*):

Não é, apenas, o primeiro coito com uma mulher que constitui tabu e sim a relação sexual de um modo geral; quase se pode dizer que **a mulher inteira é tabu**. A mulher não é unicamente tabu em situações especiais decorrentes de sua vida sexual, tais como a menstruação, a gravidez o parto e o puerpério; além dessas situações, as relações sexuais com as mulheres estão sujeitas a restrições tão solenes e numerosas que temos muitas razões para duvidar da suposta liberdade sexual dos selvagens. [...] Talvez este receio se baseie no fato de que **a mulher é diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha, e, portanto, aparentemente hostil**. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, contaminado por sua feminilidade e, então, mostra-se ele próprio incapaz.

Apenas como um adendo, para não nos furtarmos totalmente dessa discussão, o aforisma lacaniano “A mulher não existe” encontra muito de seu fundamento neste texto freudiano que investigamos no momento. “[...] Lacan forja os aforismas: “A mulher não existe”, “Não há relação sexual”, para reafirmar que no inconsciente não há registro da diferença sexual e que a mulher representa a alteridade absoluta para os sujeitos de ambos os sexos” (RIBEIRO *et al*, 2015, p. 75), logo, a mulher colocada neste lugar em que merece receber hostilidade encontra seu fundamento no que Freud (1917), logo adiante no texto, chamará de ‘narcisismo das pequenas diferenças’.

Freud (1918) argumenta que os indivíduos sofreriam de um ‘tabu de isolamento pessoal’, constituído a partir do reforço que determinados traços (raciais, sexuais, sociais, etc.) receberiam para justificar uma hostilidade dirigida ao outro, mesmo que essas pequenas diferenças, recebendo reforço, não se sustentem como diferenças fundamentais. Freud diz que são

[...] precisamente **as pequenas diferenças** em pessoas que, quanto ao resto, são semelhantes, que **formam a base dos sentimentos de estranheza e hostilidade** entre eles. Seria

¹⁶ Apenas nos atentemos para o fato de Freud ser um pensador de seu tempo. O movimento feminista teria ainda sua primeira geração em meados dos anos 60, nos EUA, alastrando-se pelos países industrializados entre 1968 e 1969. De toda forma, a questão específica do gênero foge ao escopo desse trabalho, portanto vamos nos furtar a essa discussão específica.

tentador desenvolver essa ideia e derivar desse **`narcisismo das pequenas diferenças'** a hostilidade que em cada relação humana observamos lutar vitoriosamente contra os sentimentos de companheirismo e sobrepujar o mandamento de que todos os homens devem amar ao seu próximo (FREUD, 1918, p. 121, *negrito nosso*).

Conforme assinala Miguelez (2007, p. 124-125), essa tentação de desenvolver melhor esse braço conceitual do narcisismo, o das pequenas diferenças, viria a ser consumada por ocasião da publicação de 'Psicologia das Massas e Análise do Eu', de 1921, e 'Mal-estar na civilização', de 1930. Um tema em comum articula o diálogo entre todos os textos desse tópico: "o outro, o outro da cultura, do social, esse outro ao mesmo tempo próximo e distante, estranho e familiar [...] Nesse contexto, o narcisismo vai marcar o polo de oposição, aquilo que resiste ao outro" (*idem*). Logo, passemos ao texto de 1921.

Freud (1921) inicia o texto na tentativa de diferenciar a psicologia individual da coletiva, ou social. Neste caminho, argumenta que as relações experimentadas no âmbito da individualidade, como com irmãos, pais, amantes, etc, seriam relações onde o indivíduo sofre influência de apenas uma, ou poucas pessoas, por vez. Mas, ao contrário, o objetivo do texto de 1921 é explorar a influência de uma massa, ou um coletivo composto por muitas pessoas, na psique individual. Assim, Freud (1921, p. 46) coloca como questões principais: "O que é, então, um 'grupo'? Como adquire ele a capacidade de exercer influência tão decisiva sobre a vida mental do indivíduo? E qual é a natureza da alteração mental que ele força no indivíduo?".

Freud (1921, p. 47) continua, na tentativa de lançar luz na terceira questão, dizendo que "Se os indivíduos do grupo se combinam numa unidade, deve haver certamente algo para uni-los, e esse elo poderia ser precisamente a coisa que é característica de um grupo". À medida que Freud avança em seu argumento, apresenta a tese de que um grupo, independentemente de seu objetivo, tende a ser "[...] levado quase que exclusivamente por seu inconsciente" (*idem*, p. 49). Essa atitude que denuncia a matéria de uma massa social faz Freud praticamente equivaler o comportamento do grupo à lógica do inconsciente, dizendo que

Nos grupos, as ideias mais contraditórias podem existir lado a lado e tolerar-se mutuamente, sem que nenhum conflito surja da contradição lógica entre elas. Esse é também o caso da vida mental inconsciente dos indivíduos, das crianças e dos neuróticos, como a psicanálise há muito tempo indicou (*idem*, p. 50).

E é a partir desse pensamento que Freud (1921) permanece argumentando acerca dos mecanismos verificáveis em grupos: o poder da ilusão, a necessidade de se guiar por fantasias, a falta de anseio pela verdade e, aparentemente o coração do que gostaríamos de salientar aqui, a necessidade de se submeter a um líder. Diz Freud (*idem*, p. 51) que “Um grupo é um rebanho obediente, que nunca poderia viver sem um senhor. Possui tal anseio de obediência, que se submete instintivamente a qualquer um que se indique a si próprio como chefe”. Assim, quando Freud sublinha a característica obediente e servil de um grupo à uma figura de autoridade, concordamos com a leitura de Rocha (2012, p. 85) de que há no texto de 1921 uma certa atualização de 1913 em ‘Totem e Tabu’. Nas palavras de Rocha (*idem*, *negrito nosso*),

Ao afirmar que os grupos constituídos a partir de um ideal coletivo por meio do laço com o líder não diferem em essência da ideia apresentada sobre a horda primeva, onde Freud aproxima essas duas formações: **‘O líder do grupo ainda é o temido pai primevo;** o grupo ainda deseja ser governado pela força irrestrita e possui uma paixão extrema pela autoridade [...]’. **O pai ‘primevo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal de ego.**

Essa substituição, via identificação com o líder do grupo, do ideal de eu pessoal para ser atualizado na figura do líder pode ser pensada como um renúncia pulsional. O líder, então, atualizaria o ideal de eu do sujeito: “Abrindo mão de seu ideal em prol do ideal da massa, o sujeito vive a experiência narcísica de realizar seu ideal por meio do objeto idealizado (o líder)” (*idem*, p. 86). Mas, apesar da grande promessa de gratificação via ideal coletivo, percebemos um efeito desse mecanismo: se os sujeitos são convocados a abrir mão de seus próprios ideais de eu a favor da massa, isso acaba por desembocar em uma perda de singularidade. Como consequência dessa singularidade que abrimos mão para estar em um grupo, as pequenas diferenças precisam ser cada vez mais reforçadas em uma

tentativa de resgate disso que seria perdido. Conforme argumenta Miguelez (2007, p. 126): “O diferente transforma-se em hostil, ameaça para o equilíbrio narcisista”.

Racismos, xenofobia e as constantes tentativas de resgatar, coletivamente, um senso de identidade a partir de um certo ufanismo podem, então, serem vistas a partir da mecânica que o narcisismo impõe ao funcionamento individual e coletivo. Ama-se, mas odeia-se. Se o amor testemunha a atuação de Eros, o ódio dá indícios da atuação destrutiva da pulsão de morte. É nesse caminho que o texto freudiano de 1930, ‘Mal-estar na civilização’, estará situado.

A temática principal em que a explanação de Freud está situada em ‘Mal-estar na civilização’ gira em torno do conflito, irremediável, entre as constantes exigências pulsionais dos sujeitos e as contrainvestidas civilizacionais que visam a restrição da satisfação, em especial do incesto. No que concerne ao objetivo de nosso trabalho, importa demarcar o texto de 1930 a partir da experiência narcísica das pequenas diferenças enquanto geradora de caminhos para o exercício da agressividade e destrutividade. Chama a atenção que, desde o início do texto, Freud já entregue à experiência do amor como o fundamento da manutenção dos laços sociais. Diz Freud (1930, p. 43):

No auge do sentimento de amor, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato. Aquilo que pode ser temporariamente eliminado por uma função fisiológica [isto é, normal] deve também, naturalmente, estar sujeito a perturbações causadas por processos patológicos.

No entanto, se existe a experiência de amor, o que pensar acerca da agressividade e destrutividade humana, especialmente as validadas por instituições? Freud diz que haveria uma certa inclinação humana à agressividade, algo que a civilização tenta dar conta via identificação com o outro e amor, mas não sem um alto dispêndio de energia para efetuar, ineficientemente, esse processo a contento.

A despeito de todos os esforços, esses empenhos da civilização até hoje não conseguiram muito. Espera-se impedir os excessos mais grosseiros da violência brutal por si mesma, supondo-se o direito de usar a violência contra os criminosos; no entanto, a lei não é capaz de deitar a mão sobre as manifestações mais cautelosas e refinadas da agressividade humana. Chega a hora em que cada um de nós tem de abandonar, como sendo ilusões, as esperanças que, na juventude, depositou em seus semelhantes, e aprende quanta dificuldade e sofrimento foram acrescentados à sua vida pela má vontade deles (FREUD, 1930, p. 71).

Se, por um lado, Freud defende o amor como uma experiência possível, embora sempre apoiado a partir do narcisismo, por outro diz que “É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade” (*idem*, p. 72). Neste caminho, conforme assinala Miguelez (2007, p. 128):

É importante observar que o narcisismo atua decisivamente nos trabalhos destinados a pensar a cultura e os fenômenos sociais. Embora aportes provindos da proposta da pulsão de morte formem uma dupla inseparável, em especial no fim da obra, mesmo assim, uma das faces do narcisismo está voltada para a cultura e a construção da sociedade, assim como outra está voltada para os fenômenos psicóticos etc. Essa pluralidade de usos do conceito constitui sua riqueza e fecundidade clínica.

O olhar freudiano, nos anos 1930, após todas as questões que enfrentou por ser judeu e a ascensão do nazismo, a primeira grande guerra, certamente deixou Freud cético quanto à possibilidade de superação coletiva da agressividade e destrutividade humana. Freud, com um olhar sempre tão atual e quase premonitório, desconfia do projeto comunista que despontava nessa época: “Não se pode senão imaginar, com preocupação, sobre o que farão os soviéticos depois que tiverem eliminado seus burgueses” (FREUD, 1930, p. 73). No entanto, concordando com Miguelez (2007), o ceticismo freudiano não deve nunca ser confundido com cinismo e condescendência, marca dos dias atuais.

3.2 Narcisismo e identificações

O conceito de identificação é empregado durante toda extensão da obra freudiana, embora, evidentemente, tenha passado por significações variadas em

diferentes textos. Segundo Miguelez (2007) e Rocha (2012), inicialmente, ao tratar do padecimento histérico, Freud emprega o termo ‘identificação’ a partir da noção de imitação, isto é, a capacidade que a histérica teria de ascender à posição do outro. Em 1913, em ‘Totem e Tatu’, o conceito ganha novos contornos a partir da oralidade, ou seja, a capacidade, tida como fundamental no desenvolvimento histórico da humanidade e na sexualidade, de introjetar o objeto, a assimilação oral – canibalesca – do objeto pelo sujeito. Em 1914, em ‘Introdução ao Narcisismo’, Freud trata do conceito de identificação para falar de escolha de objeto por apoio, anaclítica, a partir do modelo parental. No entanto, será em ‘Luto e Melancolia’ que o conceito se consolida a partir da noção de substituição da perda do objeto, dessa forma, como o movimento de abrir espaço no eu para introjetar o objeto que fora investido libidinalmente de forma intensa.

Enfim, será em 1921, em ‘Psicologia das massas e Análise do eu’, dedicando o sétimo capítulo dessa obra para tratar do conceito de identificação, que Freud diz: “Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por modelo” (FREUD, 1921, p. 48). Ao fazer isso, Freud coloca em cena este conceito para dar conta de argumentar que

[...] a identificação é ampliada sistematicamente em seu aspecto histérico, sua forma de laço emocional com outro sujeito, sustentando o vínculo entre os indivíduos da massa, submetendo-os e unindo-os em torno do líder. É no laço com o líder que figura o ideal (ROCHA, 2012, p. 98).

Se no texto de 1921 Freud denuncia o laço entre o líder do grupo com o ideal dos sujeitos, será em 1923, em “O Eu e o Isso”, que teremos uma estruturação, em continuidade com o texto sobre a melancolia, entre a relação da identificação com o ideal de eu. Aqui Freud lança mão do conceito de identificação primária: direta e imediata, sem qualquer investimento objetual, mas que funcionaria como um pano de fundo de toda identificação, como se fosse a própria origem do ideal. Diz Freud (1923, p. , *negrito nosso*):

Isso nos conduz de volta à **origem do ideal do ego**: por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, **a sua identificação com o pai** em sua própria pré-

história pessoal. Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou resultado de uma catexia do objeto; **trata-se de uma identificação direta e imediata**, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto. Mas as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária.

Se a identificação primária se encontra, portanto, na origem do ideal, podemos dizer que a própria constituição do eu está fundamentada a partir dela, determinando o contorno que o eu assume. Logo, se o eu se constitui como um núcleo ao redor dessa identificação, ele pode se oferecer ao isso como objeto de amor a partir da dessexualização da libido objetal em libido narcísica. Sobre isso, Rocha (2012, p. 99) comenta:

Surge, assim, um ponto comum entre a identificação com o pai – primária – e o ideal: o pai, funcionando como a matriz, como o ideal para o qual a criança se inclina, tornando possível a existência de um eu ideal. É o pai – ideal –, portanto, que, a distância, possibilita à criança utilizar-se dele para a construção do ideal, servindo ao bebê nos primórdios da vida [...].

Mas por que o conceito de identificação deveria figurar em um trabalho de revisão sobre o narcisismo? Miguelez (2007) aponta que há muito tempo temos nos habituado a falar de identificação sem fazer as devidas referências ao conceito de narcisismo, no entanto, argumenta que o eu não pode tomar para si as propriedades de um objeto, ou mesmo um único traço dele, a não ser para investir em si mesmo a libido que outrora esteve presente nos objetos tomados. Assim, parece mesmo evidente que a identificação seja um dos caminhos da transformação da libido objetal em libido narcísica.

Nesse caminho, percebemos que o conceito de identificação, bem como o de narcisismo, auxiliam na compreensão de fenômenos sociais, coletivos e culturais, em que pese a identificação, enquanto um dos caminhos de transformação da libido, servir a interesses já conhecidos da política humana.

Considerações Finais

Este trabalho buscou investigar, na obra freudiana, o desenvolvimento do conceito de narcisismo, bem como a relação do narcisismo com o que Freud chamaria Ideal de Eu. No primeiro capítulo trabalhamos com os textos do período de 1894 a 1913, buscando as raízes e as primeiras aparições do que viria a ser, alguns anos depois, formalizado como o conceito de narcisismo. No segundo capítulo iniciamos com o texto de 1914, 'Introdução ao Narcisismo', seguindo algumas considerações acerca deste conceito para a virada metapsicológica e para a segunda tópica do aparelho psíquico. Por fim, no terceiro capítulo tecemos alguns comentários acerca do narcisismo e sua relação com o ideal de eu, especificamente argumentando acerca do ideal como um mecanismo que encontra vias de expressões coletivas no seio da civilização via figura do líder. Para tanto, retomamos alguns textos trabalhados anteriormente nos capítulos um e dois, e discutimos os textos de 1921 e 1930 com maior prioridade no último capítulo.

Iniciamos nossa revisão, no primeiro capítulo deste trabalho, pelo texto de 1894, '*As neuropsicoses de defesa*', mostrando que, inicialmente, Freud pensava a psicose como uma defesa do eu frente a uma representação intolerável ou insuportável, entendendo os fenômenos psicóticos a partir da noção de uma defesa psíquica diante de uma realidade que o eu identifica como inóspita ou hostil. O esquema apresentado pode ser descrito da seguinte forma:

- 1) Uma ideia incompatível com a consciência desperta uma carga afetiva sentida como angustiante;
- 2) A defesa seria, então, separar essa ideia de seu afeto, permitindo que o afeto se ligasse a outra(s) ideia(s) que fosse(m) adequada(s) a uma falsa conexão;
- 3) A ideia permaneceria ainda na consciência, mesmo que sem a força do afeto e isolada deste;
- 4) O afeto, agora ligado a outras ideias, poderia ser convertido para o corpo (histeria) ou produzir ideias obsessivas (neurose obsessiva).

No entanto, Freud tenta dar conta de argumentar acerca de fenômenos psicóticos, ao sinalizar que existe a possibilidade do ego se defender de uma ideia incompatível, rechaçando não só o afeto, mas, também, a própria ideia da consciência. Como se esta ideia nunca tivesse surgido. Diz que se o sujeito tem

sucesso nessa operação psíquica está adentrando em um quadro psicótico que ele chama de confusão alucinatória. Importa neste texto a noção de defesa, aqui exemplificada em um caso de confusão alucinatória, pois é a partir deste conceito que o olhar de Freud iria se voltar para a articulação do campo da psicopatologia com a questão do narcisismo.

No texto *‘Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa’*, de 1896, Freud retoma as considerações de 1894, dividindo novamente o trabalho em três seções: a primeira é dedicada à histeria, a segunda às obsessões e dedica a terceira seção à paranoia. Aqui vimos as considerações de Freud sobre estes padecimentos psíquicos, bem como o uso articulado de conceitos como **projeção**! Seria justamente este conceito que permitiria Freud afirmar que o paranóico ama seus delírios como ama a si mesmo. E aqui, lançando luz sobre uma espécie de amor a si mesmo, via psicopatologia, que identificamos as primeiras raízes do conceito de narcisismo, sempre articulado (ainda) à clínica e aos fenômenos psicóticos.

Então operamos um salto para 1905, *‘Três ensaios...’*, verificando que Freud, com suas sucessivas reedições e acréscimos neste texto, passa a considerar o narcisismo como um momento do desenvolvimento da sexualidade infantil. Investigamos o conceito de autoerotismo, inicialmente pensado como característica geral da sexualidade infantil, passando a ser concebido como uma ‘fase’ do desenvolvimento sexual; em outras palavras, o **autoerotismo estaria para o narcisismo primário como as relações objetais estariam para o narcisismo secundário**.

Ainda no primeiro capítulo revisamos a obra *‘Totem e Tabu’*, de 1913, buscando as relações entre o que viria a ser o narcisismo com o conceito de **onipotência de pensamentos**. Este conceito é explicado a partir do narcisismo, em que pese o efeito da libidinização do eu precipitar uma perda dos contornos egóicos a partir de uma inflação, a partir desse crescimento excessivo da estrutura egóica o sujeito, então, portaria a crença de que seus pensamentos são capazes de intervenções reais. Dito de outro modo, só podemos crer na força de nossos pensamentos na medida em que estes mesmos pensamentos estejam investidos libidinalmente, tomando a si mesmos como capazes de ações na realidade.

No segundo capítulo trouxemos considerações sobre o texto de 1914, 'Introdução ao Narcisismo', argumentando que seria a tomada do eu (ego em latim) para esse momento autoerótico é o que fornece o indício necessário para a diferenciação entre autoerotismo e narcisismo. Enquanto o autoerotismo é solidário com a noção de tempo, uma fase do desenvolvimento sexual, **o narcisismo surge no momento em que a estrutura egóica do infante une-se a esse tempo autoerótico**, ou, em outras palavras, podemos dizer que o narcisismo seria a tomada do próprio eu pela dinâmica libidinal autoerótica. Neste texto, ao tratar das escolhas objetais, Freud apresenta dois tipos básicos de escolha: a) narcisista – amar o que se é, o que se foi, o que gostaria de ser, alguém que já foi parte de si; b) anaclítico (ligação): amar a mulher que alimentou ou o homem que protege.

O texto de 1915, 'As pulsões e seus destinos', trouxe elementos potentes para pensar a dinâmica pulsional sob a ótica narcísica, em que pese os dois destinos pulsionais que Freud trabalha neste texto – o retorno em direção à própria pessoa e a reversão em seu contrário – dependerem da organização narcisista do eu. A transformação do amor em ódio, vice-versa, seria um dos exemplos clássicos, talvez o único possível, que Freud utiliza neste texto para dar conta dessa discussão.

Seguindo para 1917, 'Luto e Melancolia', adentramos, ao nosso olhar, um dos textos mais potentes, fora o de 1914, para pensar a questão do narcisismo. O argumento de Freud é que no luto o mundo, ou a realidade exterior, torna-se vazia de sentido, mas, ao contrário, na melancolia seria o próprio eu do sujeito que estaria empobrecido e vazio. A defesa freudiana é a de que o quadro melancólico deriva da introjeção e identificação a um objeto perdido, tornando o próprio ego, ou uma porção significativa deste, um lugar de morte. A identificação do melancólico com o objeto perdido nos faz pensar nas escolhas objetais. Ao que parece, "[...] se no lugar do abandono do objeto surge a identificação é porque o objeto foi escolhido sob a égide do narcisismo" (MIGUELEZ, 2007, p. 118). Toda destrutividade dirigida ao eu na melancolia se trata, na análise de Freud, dos resquícios assimilados pelo eu das relações que o eu mantivera com o objeto.

No que concerne às considerações sobre o narcisismo na segunda tópica, revisamos o texto de 1923, 'O Eu e o Isso', chamando a atenção para o fato de

Freud, neste trabalho, ter definido o Isso como o reservatório da libido. Assim, uma nova formulação tópica em 1923 culmina por legar ao eu variadas tarefas: por um lado, o eu se une com à percepção e à consciência; por outro, ao inconsciente, às defesas psíquicas e ao narcisismo. Assim, o eu funcionaria, neste esquema, a partir de pares funcionais com objetivos opostos, isto é, “[...] oposição às pulsões e satisfação das pulsões, *insight* e racionalização, conhecimento objetivo e deformação sistemática, resistência e oposição às resistências” (LAGACHE *apud* MIGUELEZ, 2007, p. 142).

Por fim, no terceiro capítulo, iniciamos a discussão com o texto de 1918, ‘O tabu da virgindade’. Neste trabalho Freud denuncia que os indivíduos sofreriam de um ‘tabu de isolamento pessoal’, constituído a partir do reforço que determinados traços (raciais, sexuais, sociais, etc.) receberiam para justificar uma hostilidade dirigida ao outro, mesmo que essas pequenas diferenças, recebendo reforço, não se sustentem como diferenças fundamentais. Buscamos articular a questão das pequenas diferenças ao narcisismo, demonstrando como são frágeis e ilusórias as alegações que colocam ‘eles’ de um lado e ‘nós’ do outro. No entanto, como afirma Freud, só podemos amar uns aos outros enquanto houveres aqueles a quem, legitimamente, podemos odiar, constituindo um dos paradoxos civilizacionais, especialmente os relacionados aos grupos.

E é a partir desse pensamento que Freud (1921) permanece argumentando acerca dos mecanismos verificáveis em grupos: o poder da ilusão, a necessidade de se guiar por fantasias, a falta de anseio pela verdade e, aparentemente o coração do que gostaríamos de salientar aqui, a necessidade de se submeter a um líder. Diz Freud (*idem*, p. 51) que “Um grupo é um rebanho obediente, que nunca poderia viver sem um senhor. Possui tal anseio de obediência, que se submete instintivamente a qualquer um que se indique a si próprio como chefe”. Assim, quando Freud sublinha a característica obediente e servil de um grupo à uma figura de autoridade, concordamos com a leitura de Rocha (2012, p. 85) de que **há no texto de 1921 uma certa atualização de 1913 em ‘Totem e Tabu’, especialmente a vinculação da figura do líder ao pai primevo**. O líder, nesse contexto, passa a representar o ideal da massa, depositário dos ideais individuais na esperança de obter satisfação via grupo.

Essa substituição, via identificação com o líder do grupo, do ideal de eu pessoal para ser atualizado na figura do líder pode ser pensada como um renúncia pulsional. O líder, então, atualizaria o ideal de eu do sujeito: “Abrindo mão de seu ideal em prol do ideal da massa, o sujeito vive a experiência narcísica de realizar seu ideal por meio do objeto idealizado (o líder)” (ROCHA, 2012, p. 86). Mas, apesar da grande promessa de gratificação via ideal coletivo, percebemos um efeito desse mecanismo: se os sujeitos são convocados a abrir mão de seus próprios ideais de eu a favor da massa, isso acaba por desembocar em uma perda de singularidade. Como consequência dessa singularidade que abrimos mão para estar em um grupo, as pequenas diferenças precisam ser cada vez mais reforçadas em uma tentativa de resgate disso que seria perdido. E esse reforço das pequenas diferenças acaba por desembocar, no seio da civilização, como demandas coletivas agressivas.

É nesse caminho que o texto freudiano de 1930, ‘Mal-estar na civilização’, estará situado. A temática principal em que a explanação de Freud está situada em ‘Mal-estar na civilização’ gira em torno do conflito, irremediável, entre as constantes exigências pulsionais dos sujeitos e as contrainvestidas civilizacionais que visam a restrição da satisfação, em especial do incesto. No que concerne ao objetivo de nosso trabalho, importa demarcar o texto de 1930 a partir da experiência narcísica das pequenas diferenças enquanto geradora de caminhos para o exercício da agressividade e destrutividade.

Este é um dos desdobramentos possíveis que, por questão de tempo e espaço, não foi possível desenvolver com maior precisão neste trabalho: as lutas sociais (especialmente o feminismo e suas consequências para a teoria psicanalítica pós década de 70), as violências cotidianas e institucionalizadas, fenômenos religiosos de massa, etc. Certamente o estudo de narcisismo abre possibilidades para pensar estes campos e contribuir para o desenvolvimento de pesquisas e saberes em psicanálise.

Referências Bibliográficas:

AMARAL, M. G. T. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições? *Psicologia USP*, São Paulo, 1995, p. 63-84.

ARAÚJO, M. D. Considerações sobre o Narcisismo. *Estudos de Psicanálise*, Aracajú, Dez/2010, p. 79-82.

FONTANARI, J. Mito e Psicanálise: Quando eles nos vivem e quando nós os vivemos? *Contemporânea*, Porto Alegre, Mar/2008, p. 66-88.

FREUD, S. As neuropsicoses de defesa. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 3, p. 55-84 (Original publicado em 1894).

_____ Rascunho H. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 1, p. 228-233 (Carta a Fliess de 24 de janeiro de 1895).

_____ Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 3, p. 183-214 (Original publicado em 1896).

_____ Carta 52. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 1, p. 254-258 (Carta a Fliess de 6 de dezembro de 1896).

_____ Carta 69. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 1, p. 279-280 (Carta a Fliess de 21 de setembro de 1897).

_____ Carta 125. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 1, p. 299-302 (Carta a Fliess de 9 de dezembro de 1899).

_____ Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 7, p. 123-250 (Original publicado em 1905).

_____ O tabu da virgindade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 11, p.

116-128 (Original publicado em 1918). Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-11-1910.pdf> Acesso em: 10/05/2022.

_____ Totem e tabu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 13, p. 4-115 (Original publicado em 1913). Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-11-1910.pdf> Acesso em: 12/03/2022.

_____ Sobre o Narcisismo: Uma introdução. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 14, p. 44-64 (Original publicado em 1914). Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-14-1914-1916.pdf>

_____ *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Original publicado em 1915).

_____ *Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. (Original publicado em 1915). Disponível em: https://clnicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/luto_e_melancolia_-_sigmund_freud.pdf Acesso em: 05/05/2022.

_____ *Além do Princípio do Prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 161-239 (Original publicado em 1920).

_____ Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 18, p. 43-90 (Original publicado em 1921). Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-18-1920-1922.pdf> Acesso em: 05/06/2022.

_____ O Ego e o Id. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 19, p. 13-86 (Original publicado em 1923).

_____ Mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 21, p. 39-92 (Original publicado em 1923). Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf> Acesso em: 05/06/2022.

_____ Esboço de Psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. 23, p. 89-134 (Original publicado em 1938). Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-23-1937-1939.pdf> Acesso em: 05/06/2022.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, Narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

JANET, P. (1889). O automatismo psicológico. Ensaio de psicologia experimental sobre as formas inferiores da atividade humana. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11. n.2, p. 310-314, 2008. (Tradução: Alain François).

KEHL, M. R. *Prefácio de Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Original publicado em 1966).

MIGUELEZ, O. M. *Narcisismos*. São Paulo: Editora Escuta, 2007.

RIBEIRO, M.A.C; LAMARCA, D. B; FONSECA, M.R; JUNQUEIRA, M. L. A mulher: um sintoma para o homem? *Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental*, n. 18, v. 1, 2015, p. 74-87.

ROCHA, H. O. *O ideal - um estudo psicanalítico*. Editora Vetor, São Paulo, 2012.

ROUDINESCO, E. P. M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ZIMERMAN. E. D. *Fundamentos Psicanalíticos, teoria, técnica e clínica*. Editora Artmed: Porto Alegre, 1999.

ZIMERMAN. E D. *Vocabulário contemporâneo de Psicanálise*. Editora Artmed: Porto Alegre, 2001.